



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências da Unesp Campus de Bauru – SP

Fernando de Oliveira Galvão

ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR:

Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes.

BAURU – SP

2026



Fernando de Oliveira Galvão

O ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR:

Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes.

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, como requisito Final para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Linha de Pesquisa: Abordagens Metodológicas e processos de ensino e aprendizagem

Orientador: Prof. Doutor Milton Vieira do Prado Junior

BAURU – SP

2026



D418e

de Oliveira Galvão, Fernando

ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: : Utilização dos minijogos
no processo ensino aprendizagem dos estudantes / Fernando de
Oliveira Galvão. -- Bauru, 2026

129 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências, Bauru

Orientador: Milton Vieira do Prado Junior

1. Voleibol. 2. Educação Física Escolar. 3. Teoria Bioecológica do
Desenvolvimento Humano. 4. Minijogos. 5. Inclusão. I. Título.

O ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR:

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, como requisito Final para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Data da defesa:30/04/2026

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador Prof. Dr. Milton Vieira do Prado Junior Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Bauru.

Membro Titular Prof. Dr. Marcio Pereira da Silva Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Bauru.

Membro Titular: Prof. Dr. Sérgio Teixeira Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

Local: Universidade Faculdade de Ciências Unesp – campus de Bauru



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FERNANDO DE OLIVEIRA GALVÃO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 30 de abril de 2026, às 14h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de FERNANDO DE OLIVEIRA GALVÃO, intitulada "ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP / Câmpus de Bauru - FC, Prof. Dr. MARCIO PEREIRA DA SILVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP / Câmpus de Bauru - FC, Professor de Educação Física Escolar SÉRGIO TEIXEIRA (Participação Virtual) do(a) Escola Estadual Américo René Giannetti / Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
gov.br
MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR
Data: 02/05/2026 18:51:29-0300
Verifique em <https://validar.jti.gov.br>

Prof. Dr. MILTON VIEIRA DO PRADO JUNIOR



Agradecimentos,

A Deus, pela vida, pela saúde e pela força concedida para superar os desafios ao longo desta caminhada. Sua luz guiou meus passos e me deu a perseverança necessária para concluir esta etapa.

À minha esposa, minha companheira de vida e porto seguro. Obrigado por compreender as ausências, incentivar meus sonhos e estar ao meu lado em cada momento desta jornada. Sem o seu apoio incondicional, este caminho não teria sido possível.

Aos meus filhos que são a minha maior motivação e a razão de todos os meus esforços. Espero que este trabalho seja para vocês um exemplo de dedicação. Vocês são a alegria que renova as minhas energias todos os dias.

Ao meu orientador, pela confiança e pela condução deste trabalho. Expresso minha profunda gratidão pela sua orientação precisa e, acima de tudo, pela prontidão e generosidade com que sempre colaborou para a construção desta dissertação.

Aos membros da banca examinadora pelas valiosas contribuições e correções feitas ainda na fase de projeto, que foram fundamentais para o amadurecimento e a qualidade final deste estudo.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta conquista, o meu muito obrigado.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Galvão, Fernando de Oliveira. **O ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes.** . 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2026

RESUMO

O voleibol, embora consolidado como uma das modalidades mais praticadas no Brasil, enfrenta desafios no contexto escolar, muitas vezes limitando-se a abordagens tecnicistas que excluem alunos menos habilidosos. Este estudo investigou como a utilização estratégica dos minijogos pode contribuir para a motivação, participação e aprendizagem de estudantes do Ensino Fundamental II. A investigação seguiu uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação, realizada com 28 alunos (13 e 14 anos) de uma escola municipal em Uberlândia, MG. O referencial teórico foi alicerçado na perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Bronfenbrenner e na organização do conhecimento por meio das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal. As intervenções ocorreram ao longo de um ciclo de 10 aulas planejadas, utilizando os minijogos como ferramenta facilitadora para o ensino dos fundamentos e da lógica tática. A coleta de dados foi efetuada por meio de rodas de conversa, diário de bordo e questionários pré e pós-intervenção. Os resultados demonstraram que a redução do espaço de jogo e do número de praticantes aumentou significativamente o contato com a bola e a confiança dos alunos. Observou-se que 100% da turma compreenderam a lógica do jogo, com 96% dos participantes relatando um aumento na motivação intrínseca. Conclui-se que os minijogos, ao alinharem o “saber fazer” à inclusão e ao respeito mútuo, constituem uma estratégia pedagógica eficaz para democratizar o ensino do voleibol e promover o desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Voleibol Escolar. Minijogos. Inclusão.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Galvão, Fernando de Oliveira. **SCHOOL VOLLEYBALL TEACHING: Use of mini-games in the students' teaching-learning process**. 129 f. Dissertation (Professional Master's in Physical Education in National Network) – UNESP, Faculty of Sciences, Bauru, 2026.

ABSTRACT

Volleyball, although established as one of the most widely practiced sports in Brazil, faces challenges in the school context, often being limited to technicist approaches that exclude less skilled students. This study investigated how the strategic use of mini-games can contribute to the motivation, participation, and learning of lower secondary school students. The research followed a qualitative action-research approach, conducted with 28 students (aged 13 and 14) from a municipal school in Uberlândia, Minas Gerais. The theoretical framework was grounded in Bronfenbrenner's Bioecological Theory of Human Development (BTHD) and in the organization of knowledge through conceptual, procedural, and attitudinal dimensions. The interventions took place over a cycle of 10 planned lessons, using mini-games as a facilitating tool for teaching fundamental skills and tactical logic. Data collection was carried out through discussion circles, a field diary, and pre- and post-intervention questionnaires. The results showed that reducing the playing space and the number of participants significantly increased ball contact and students' confidence. It was observed that 100% of the class understood the logic of the game, with 96% of participants reporting an increase in intrinsic motivation. It is concluded that mini-games, by aligning "knowing how to do" with inclusion and mutual respect, constitute an effective pedagogical strategy to democratize the teaching of volleyball and promote students' holistic development.

Keywords: School Volleyball. Mini-games. Inclusion.





LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Conhecimento Geral das Regras	67
GRÁFICO 02: Conhecimento Sobre os Fundamentos	69
GRÁFICO 03: Percepção de Aprendizagem no Voleibol	70
GRÁFICO 04: Prática Fora do Ambiente Escolar	71
GRÁFICO 05: Tempo Estimado às Aulas	71
GRÁFICO 06: Sentimentos Despertados na Prática do Voleibol	73
GRÁFICO 07: Conhecimento dos Objetivos do Voleibol	73



LISTA DE FIGURA

FIGURA 01: Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.....	44
FIGURA 02: MODELO PPC	47
FIGURA 03: Materiais pertencentes à escola	76
FIGURA 04: Roda de Conversa Aula 02	79
FIGURA 05: Jogo Câmbio	82
FIGURA 06: Fundamento Toque	85
FIGURA 07: Toque com a Bola de Vinil	86
FIGURA 08: Atividades Adaptadas para o Fundamento Manchete	88
FIGURA 09: Minijogos	89
FIGURA 10: Demonstração do Saque	90
FIGURA 11: Saque por Baixo e Saque por Cima	91
FIGURA 12: Mini Jogos com Lençol	94
FIGURA 13: Roda de Conversa Aula 09	95
FIGURA 14: Participação do aluno na montagem da rede	101
FIGURA 15: Jogando vôlei no recreio	102
FIGURA 16: Interferências ocorridas na sequencia didática_	103



LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Conquista de medalhas em Jogos Olímpicos Seleção Brasileira	...19
QUADRO 02 - Habilidades desenvolvidas na BNCC	22
QUADRO 03 - Principais características dos métodos Parcial, Global e Misto	...31
QUADRO 04 - modelo de interação dos principais elementos da TBDH	41
QUADRO 05 - Dimensões aplicadas nas aulas	65



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular

ProEF Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

TBDH Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

TALE Termo de Assentimento Livre Esclarecido

TCLE Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UNESP Universidade Estadual Paulista

EFE Educação Física Escolar

FIVB Federação Internacional de Voleibol)

ACM Associação Cristã de Moços

CEP Comitê de Ética em Pesquisa



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Objetivo Geral	24
1.1 Objetivo Específico	24
2 REVISÃO DA LITERATURA	24
2.1 Histórico do voleibol no Brasil e no Mundo	24
2.2 A Inserção do Esporte na Educação Física Escolar Segundo a BNCC	26
2.3 Voleibol escolar: o jogo e suas dimensões	32
2.4 Métodos e estratégias de ensino do voleibol	35
2.5 Processo de Ensino e Aprendizagem através dos minijogos	39
2.6 Relação da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano com o Voleibol escolar	43
3 PERCURSO INVESTIGATIVO	52
3.1 Universo da pesquisa	53
3.2 Participantes	54
3.3 Materiais e métodos	55
3.4 Procedimentos para a coleta de dados	55
3.4.1 Unidade Temática	56
3.5 Procedimentos para análise de dados	60
3.4 Procedimentos para a coleta de dados	64
3.6 Aspectos Éticos	65
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	65
4.1 Análise Dos Resultados Pré e Pós atividades	65
4.2 Adaptações e ensino no Voleibol	74

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



4.3 Atividades e Acontecimentos nas sequências pedagógicas	77
4.4 Benefícios dos minijogos na melhora na participação e no desempenho dos alunos	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
6 RECURSO EDUCACIONAL	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
ANEXOS	115
ANEXO 1 – Carta de Anuência	115
ANEXO 2 – Cópia do parecer final do projeto na plataforma Brasil	117
APÊNDICES	122
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO INICIAL	122
APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO FINAL	124
APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS RESPONSÁVEL	126
APÊNDICE 4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PARTICIPANTES	128



APRESENTAÇÃO

Sou professor há 21 anos e atuo como docente de Educação Física na Rede Pública de Ensino do município de Uberlândia, em Minas Gerais. A falta de interesse de muitos alunos em participar das aulas práticas de Educação Física na escola onde trabalho despertou em mim o desejo de investigar e buscar estratégias pedagógicas que promovam maior motivação e engajamento dos estudantes nas atividades propostas, em especial na iniciação aos esportes.

Minha trajetória com a Educação Física teve início quando eu estava na terceira série do 1º grau — hoje equivalente ao quarto ano do Ensino Fundamental I. Naquela época, não havia um professor específico para a disciplina; as aulas eram ministradas pela professora regente e, embora tenhamos vivenciado muitas brincadeiras, como pique-pega e pular corda, elas não tinham qualquer direcionamento pedagógico, sendo aulas livres.

Na quinta série — hoje 6º ano do Ensino Fundamental II —, as aulas passaram a ser conduzidas por professores especialistas. Havia uma divisão por gênero: um professor para os meninos e uma professora para as meninas. As aulas eram essencialmente práticas — os meninos jogavam futebol, enquanto as meninas praticavam carimbada e ginástica. A professora também incentivava a participação em torneios de futsal, e as aulas acabavam se tornando treinamentos voltados exclusivamente para essas competições. Apesar de todos os alunos serem obrigados a participar, as atividades não tinham um direcionamento pedagógico claro. Durante os treinos, apenas os mais habilidosos participavam ativamente, enquanto os demais ficavam ociosos na quadra, sem orientação. A infraestrutura da escola era precária, com apenas duas traves e tabelas de basquete sem aros, em uma quadra pequena e descoberta. Estudei nessa escola por oito anos, e a única modalidade que efetivamente aprendi foi o futsal. Os alunos que não participavam das aulas tinham



que fazer cópia de textos sem relação com a disciplina, o que contribuía ainda mais para a desmotivação.

No Ensino Médio, a escola possuía melhor estrutura, com duas quadras — uma poliesportiva e outra de vôlei —, e as aulas de Educação Física eram oferecidas no contraturno. Um professor era responsável pelo futsal e uma professora pelo voleibol. As turmas eram agrupadas em horários comuns para a prática esportiva, mas a adesão era baixa devido ao horário alternativo. Foi nesse período que tive meu primeiro contato com o voleibol. Embora minha escolha inicial tenha sido o futsal, ao final das aulas costumávamos jogar vôlei por iniciativa própria, o que despertou meu interesse pela modalidade, escolhida posteriormente como tema da minha pesquisa. As aulas, porém, eram baseadas apenas em jogos, sem o ensino dos fundamentos técnicos, o que contribuiu para o abandono e o desinteresse de muitos estudantes ao longo do Ensino Médio.

Em 2000, ingressei no curso de Educação Física com o objetivo de me tornar treinador esportivo. Durante a graduação, tive contato com diversas modalidades esportivas, embora o enfoque fosse predominantemente tecnicista, mesmo sendo um curso de licenciatura e bacharelado. Após minha formatura, em 2004, iniciei minha carreira docente, atuando simultaneamente nas redes municipal e estadual de educação como professor efetivo, sempre buscando desenvolver uma diversidade de modalidades com os alunos, porém esbarrando na falta de materiais.

Em 2023, fui aprovado em um concurso para técnico desportivo; com isso, exonerei meu cargo de professor do estado e permaneci apenas na prefeitura como professor de Educação Física. O cargo de técnico desportivo possibilitou-me trabalhar com a iniciação esportiva na modalidade de voleibol. Nesse período, aprofundi meus estudos sobre a modalidade e tive um aprendizado significativo, especialmente ao aplicar estratégias baseadas em jogos e minijogos. Essa experiência ampliou minha compreensão sobre práticas pedagógicas mais lúdicas, inclusivas e motivadoras para os alunos.

Já em 2024, fui aprovado no processo seletivo do Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF), onde passei a refletir sobre minha própria prática docente, com foco nos métodos e nas estratégias de ensino utilizados. Dentre as diversas



disciplinas cursadas, destaco “Problemática da Educação Física” como uma das mais impactantes, pois me levou a refletir profundamente sobre as práticas metodológicas aplicadas em sala de aula. Durante esse processo, conheci e experimentei diferentes métodos e estratégias de ensino, cuja aplicação resultou em uma resposta bastante positiva por parte dos alunos.

Motivado por esses resultados, decidi aprofundar meus estudos em métodos de ensino inovadores, buscando formas de tornar as aulas mais atrativas e significativas para os estudantes. Vinculei essa pesquisa à teoria do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner, com o objetivo de analisar a influência dos minijogos no desenvolvimento integral dos alunos, considerando os múltiplos contextos em que estão inseridos.



1 INTRODUÇÃO

Desde os meus anos escolares, sempre tive grande interesse por esportes. Ao longo da graduação, compreendi ainda mais a importância que a prática esportiva tem no desenvolvimento dos alunos, especialmente os esportes coletivos, que são amplamente abordados na Educação Física Escolar (EFE). Com a entrada no Programa de Mestrado Profissional (PROEF), escolhi como tema de estudo o vôlei, uma vez que essa modalidade teve um impacto significativo em minha trajetória escolar e pessoal, despertando meu desejo de aprofundar seus aspectos pedagógicos e didáticos no contexto educacional.

Na sua história o vôlei surgiu como uma alternativa de atividade física menos intensa e, também, para evitar o contato físico, como acontecia no basquete (BIZZOCCHI, 2000). Ao longo dos anos, o esporte ganhou popularidade em diversos países, inclusive no Brasil, onde vem crescendo significativamente ao longo do tempo.

Segundo Tubino (1984), o vôlei foi introduzido no Brasil, em 1916, pela Associação Cristã de Moços (ACM). Desde então, o esporte tem exercido um papel significativo em múltiplos aspectos da sociedade brasileira, contribuindo não apenas para o desenvolvimento físico dos praticantes, mas também promovendo valores educacionais, sociais, psicológicos e culturais.

Sua importância pedagógica está oficialmente reconhecida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil; 2017), que o inclui como parte do conteúdo a ser trabalhado nos anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos), dentro do eixo temático dos esportes de rede/parede. Sua inclusão nos currículos escolares contribui para a promoção da saúde, da inclusão social e da vivência de práticas esportivas saudáveis.

Segundo Franco (2002), é por meio do movimento que o aluno vivencia novas experiências e desenvolve suas habilidades motoras, o que pode influenciar positivamente a aprendizagem, a criatividade e a socialização. Nesse sentido, o vôlei se apresenta como uma ferramenta pedagógica rica, capaz de integrar aspectos físicos, emocionais e sociais no processo educativo (BIZZOCCHI, 2000). Proporcionar novas experiências aos alunos pode favorecer novas vivências e

Como citado por Impolceto (2016), o voleibol, enquanto elemento constituinte da cultura corporal, deve ser desenvolvido na escola a partir de uma perspectiva renovadora. Isso significa superar o ensino tradicional, que se limita à repetição de gestos técnicos, e ampliar o processo de ensino-aprendizagem por meio de outros elementos essenciais à compreensão da modalidade.

Entre esses elementos das manifestações corporais, destacam-se os aspectos históricos, os fatos e conceitos relevantes, os elementos táticos do jogo, bem como os valores e atitudes envolvidos na prática esportiva. Essa abordagem mais ampla contribui para a formação crítica dos alunos, valorizando o voleibol não apenas como prática motora, mas como um fenômeno social e cultural carregado de significados.

De acordo com o Coletivo de Autores (1993), o esporte na escola pode ser entendido em duas dimensões: o esporte da escola, que corresponde à prática pedagógica, inclusiva e educativa desenvolvida nas aulas de Educação Física, e o



esporte na escola, que se relaciona com o esporte competitivo e seletivo, frequentemente vinculado à representação da escola em competições. Contudo, esse último modelo é criticado por ser excludente e destoar dos objetivos formativos da EFE.

Segundo Freire (2003), a Educação Física deve valorizar o corpo como sujeito de experiências significativas e contribuir para a formação crítica e integral dos alunos. Nesse sentido, o ensino do voleibol escolar pode ir além da técnica esportiva, promovendo a cooperação, o respeito e a reflexão sobre o papel do esporte na sociedade.

Minhas experiências como aluno do 1º e 2º graus (hoje Ensino Fundamental e Ensino Médio) com o voleibol na escola não foram satisfatórias. Essa modalidade só foi abordada no Ensino Médio e, infelizmente, de forma bastante limitada. O professor responsável pelas aulas não explorava as diferentes dimensões da aprendizagem — conceitual, procedimental e atitudinal — que são fundamentais para o ensino significativo do esporte e para a formação integral dos alunos, como citam Coll et al. (2000). Durante as aulas, a prática se resumia à entrega da bola para os alunos jogarem de forma livre, sem qualquer tipo de mediação, orientação técnica ou discussão sobre as regras, valores ou a história do voleibol. Não havia explicação sobre fundamentos básicos, como o toque, a manchete ou o posicionamento em quadra, o que dificultava o aprendizado, especialmente para quem não tinha familiaridade com o esporte, contribuindo, assim, para o abandono discente das aulas de Educação Física.

Em consequência da vivência insatisfatória com o voleibol escolar, marcada pela ausência de mediação pedagógica, pela falta de abordagem das dimensões atitudinal, procedimental e conceitual e pelo consequente abandono discente nas aulas práticas, aliada ao meu ingresso no Mestrado Profissional em Educação Física surgiu a necessidade de repensar as práticas adotadas nas aulas de Educação Física. Como alternativa, propõe-se a inserção de minijogos relacionados à modalidade estudada como estratégia para promover o engajamento e o aprendizado dos alunos de forma progressiva e significativa.



Como destaca Tezani (2004), o jogo não deve ser visto apenas como uma forma de distração ou passatempo, mas como um recurso educativo capaz de estimular a coordenação motora, as habilidades cognitivas e a iniciativa dos alunos, favorecendo a construção do conhecimento. Aplicados ao ensino do voleibol, os minijogos permitem trabalhar os fundamentos técnicos de forma adaptada, promovendo a compreensão dos elementos táticos do jogo, ao mesmo tempo em que desenvolvem valores como cooperação, respeito e responsabilidade. Essa abordagem rompe com a repetição mecânica dos gestos e promove uma aprendizagem mais rica, lúdica e contextualizada, alinhada às diretrizes da BNCC (Brasil, 2017) e aos princípios de uma Educação Física que valoriza o desenvolvimento integral do aluno.

Diante das limitações observadas no ensino tradicional e em suas tendências tecnicistas, surgem estratégias como a utilização de: minijogos, *Sport Education*, *futebol callejero*, jogos pré-desportivos; entre outros métodos que incorporam tendências inovadoras como alternativas pedagógicas eficazes para tornar as aulas mais inclusivas, participativas e significativas uma vez que parte dos alunos se ausenta das aulas práticas com a justificativa de não possuir habilidades para praticá-las.

Provavelmente, muitos desses alunos tiveram, em sua formação básica, contato com docentes que apresentavam, em seus planos de aula, abordagens tradicionais e tecnicistas, conforme descreve Gonzalez e Bracht (2012), nas quais as aulas eram focadas na reprodução sistematizada, atrelada às capacidades e habilidades dos indivíduos, excluindo, assim, os menos habilidosos e aqueles que não conheciam o esporte trabalhado.

O *Sport Education* parece ser uma abordagem pedagógica adequada para praticar esporte, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades motoras, conhecimento técnico-tático e valores (Evangelio et al., 2018). Nesta perspectiva o aluno passa por diferentes funções no processo ensino aprendizagem: jogador, treinador, torcida, arbitragem, mesários. Isto possibilita vivenciar diferentes contextos da modalidade.



Cuevas, Garcia-López e Serra-Olivares (2016) que a utilização do modelo *Sport Education* aumentou a motivação e autodeterminação dos estudantes em participar dos jogos coletivos. Costa et al. (2020) afirmam que processo de intervenção tendo como base o demonstrou que a proposta contribuiu de maneira significativa para a ampliação da experiência do ato de ensinar os esportes coletivos, garantindo reflexão dos estudantes sobre as ações realizadas e maior autonomia durante as aulas.

As práticas inovadoras no voleibol escolar, como os minijogos, podem transformar as experiências dos alunos, tornando as atividades mais motivadoras e inclusivas. Ao adotar abordagens mais interessantes e adaptadas à realidade dos alunos, os professores podem aumentar a participação nas aulas de Educação Física, promovendo maior desenvolvimento físico, social e emocional por meio do esporte. Dessa forma, os estudantes podem, de maneira autônoma, desenvolver condições de transformar e usufruir dessa prática em benefício da saúde, do lazer, da estética, bem como como meio de comunicação e expressão (DARIDO; IMPOLCETTO, 2017).

Os jogos reduzidos ou minijogos no voleibol devem ser inseridos no contexto escolar por meio de adaptações que acompanhem o nível de aprendizagem tático-técnica, além do desenvolvimento cognitivo e psicossocial dos alunos. Uma das principais características dos minijogos é o uso de formações reduzidas, como 2 contra 2 ou 3 contra 3, geralmente em espaços menores que os oficiais, o que favorece maior contato com a bola, aumento da tomada de decisões e maior envolvimento de todos os participantes (Dias, 2020). Essas configurações permitem que os alunos desenvolvam aspectos técnicos, táticos e sociais em um ambiente de menor pressão e com maior liberdade para errar e aprender.

De acordo com Greco e Benda (1998), os minijogos correspondem a adaptações dos jogos esportivos tradicionais, sendo ajustados em função das necessidades pedagógicas, das características dos praticantes e dos propósitos específicos da iniciação esportiva. Essa metodologia favorece uma transição progressiva para o jogo formal (6 contra 6) e pode, ainda, ser utilizada como instrumento de avaliação dos diferentes estágios de desenvolvimento integrado dos estudantes ou como estratégia de ensino-aprendizagem (FRIEDERICH et al., 2022).



Toda vez que se modifica o formato tradicional de ensino, ocorre também uma modificação do ambiente pedagógico; portanto, diferentes ambientes e diferentes propostas em um mesmo contexto podem gerar diferentes resultados. Na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), Bronfenbrenner e Morris (1998) valorizam a importância da estrutura do ambiente para o desenvolvimento e a aprendizagem das pessoas nele inseridas.

Em nosso estudo, adotaremos a TBDH como base para o planejamento das atividades e para a análise dos resultados obtidos. A teoria sustenta que o desenvolvimento ocorre a partir das interações entre o indivíduo e múltiplos sistemas ambientais, organizados em níveis concêntricos: microssistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e cronossistema, conforme citado por Bronfenbrenner e Morris (1998). Nesse sentido, o voleibol escolar pode ser compreendido como uma prática social que influencia e é influenciada por esses diferentes sistemas, desempenhando um papel significativo no desenvolvimento integral do estudante.

A partir da proposta desenvolvida neste trabalho, busca-se intervir diretamente no microssistema dos adolescentes — isto é, no ambiente imediato em que eles mantêm relações diretas com colegas, professores e o espaço escolar, conforme proposto no estudo de Bento (2025), que avaliou o ensino de lutas nas aulas de EFE. Por meio da utilização de minijogos, conforme proposto no estudo de Dias (2020), que analisou o ensino da modalidade de handebol no contexto escolar, pretende-se proporcionar experiências lúdicas que favoreçam o envolvimento ativo dos alunos, contribuindo para o ensino e a aprendizagem do voleibol.

Essa estratégia de ensino teve como objetivo estimular o desenvolvimento de habilidades interpessoais, motoras e perceptivo-interceptivas, promovendo a construção de conhecimentos corporais a partir da interação, da experimentação e da cooperação entre os participantes. O estudo foi desenvolvido com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Mário Godoy Castanho, no município de Uberlândia – MG. Esperava-se concluir que os minijogos pudessem se constituir como uma forma eficaz de ensino da modalidade voleibol.



1.1 Objetivo Geral

Investigar como a prática de minijogos no ensino do voleibol pode ajudar na aprendizagem, na motivação e na participação dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II nas aulas de Educação Física escolar

1.2 Objetivos específicos

- Avaliar as mudanças no desempenho técnico e tático dos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem do voleibol por meio dos minijogos;
- Identificar as transformações percebidas pelos alunos na transição dos jogos convencionais para os minijogos, evidenciando as competências técnicas e táticas incorporadas a partir da sequência pedagógica;
- Verificar se a proposta dos minijogos tornou os alunos mais participativos nas aulas de Educação Física.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Histórico do voleibol no Brasil e no Mundo

Concebido por William George Morgan em 1895, na ACM de Massachusetts, o voleibol consolidou-se a partir da adaptação de diversas práticas corporais, configurando-se como um esporte de rede estrategicamente desenhado para minimizar o contato físico (BIZZOCCHI, 2000). Diferentemente do basquetebol, que exigia vigorosa intensidade e constante embate corporal, a nova modalidade buscava democratizar a prática esportiva entre adultos e idosos. Essa intencionalidade original revela que o voleibol nasceu de uma necessidade de inclusão, estabelecendo-se como uma alternativa segura e pedagogicamente adaptada ao perfil de seus praticantes.



De acordo com Bizzocchi (2000), o voleibol era praticado com uma câmara de bola de basquete e utilizava-se uma rede de tênis, que foi elevada à altura de 1,98 metro. O jogo contava com um conjunto básico de dez regras, visando organizar e estruturar a nova modalidade. Em 1915, houve uma grande disseminação do voleibol, impulsionada por uma resolução que recomendava a inclusão da modalidade nos programas de Educação Física das escolas americanas.

A partir dessa iniciativa, a Associação Cristã de Moços (ACM) contribuiu para disseminar o esporte em diversos países ao redor do mundo, chegando ao Brasil em 1916, conforme registrado em documentos históricos. Sendo uma das modalidades mais praticadas no Brasil, o voleibol também se destaca nas aulas de Educação Física como um dos esportes mais presentes no ambiente escolar (BOJIKIAN, 2003).

A modalidade é disputada por duas equipes compostas por seis jogadores cada, com o objetivo de enviar a bola por cima da rede e fazê-la tocar o chão da quadra adversária, evitando que isso ocorra em sua própria quadra. Cada equipe pode realizar até três toques na bola antes de devolvê-la, exceto no caso de um toque de bloqueio (SANTINI, 2007).

Em 1947, foi fundada a Federação Internacional de Voleibol (FIVB), com sede em Paris, França, marcando o início da padronização oficial das regras da modalidade. Dois anos após sua criação, foi realizado o primeiro Campeonato Mundial de Voleibol e, em 1964, o esporte passou a integrar oficialmente os Jogos Olímpicos (BIZZOCCHI; 2000).

A Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) foi oficialmente fundada em 1954, garantindo maior autonomia administrativa e técnica para o desenvolvimento da modalidade no país. A partir de então, o voleibol brasileiro passou a se estruturar de forma mais sólida, conquistando espaço e destaque no cenário internacional. Com a inclusão do voleibol nos Jogos Olímpicos, o Brasil obteve resultados expressivos ao longo das edições, conforme apresentado no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – conquista de medalhas em Jogos Olímpicos Seleção Brasileira

Categoria	Ouro	Prata	Bronze
-----------	------	-------	--------



Masculino	1992 (Barcelona), 2004 (Atenas), 2016 (Rio)	1984 (Los Angeles), 2008 (Pequim), 2012 (Londres)	
Feminino	2008 (Pequim), 2012 (Londres)	2020 (Tóquio)	1996 (Atlanta), 2000 (Sydney), 2024 (Paris)

Graças ao bom desempenho do Brasil nas últimas décadas, o voleibol tem apresentado um crescimento constante, tornando-se cada vez mais presente na vida de muitos brasileiros (BIZZOCCHI, 2000). A modalidade vem se consolidando como uma das principais práticas esportivas do país e, conseqüentemente, se efetivou também no currículo escolar, contribuindo para o desenvolvimento físico, social e cognitivo dos estudantes (BOJIKIAN, 2003).

2.2 A Inserção do Esporte na Educação Física Escolar Segundo a BNCC

Antes de entrar na perspectiva atual sobre o esporte e o que se espera desse conteúdo nas aulas de Educação Física Escolar, nos documentos oficiais, é preciso lembrar como essa temática vem sendo caracterizada na literatura e na realidade do chão da escola. Segundo González (2020), por décadas, a visão esportivista prevaleceu na prática profissional, indo desde o “rola bola” até uma visão tradicional, na qual o esporte de rendimento e competitivo prevalecia.

Conforme Vago (1996), a prática pedagógica não deve se limitar a replicar passivamente modelos esportivos externos; antes, deve fomentar uma cultura escolar de esporte que dialogue e tensione as normas hegemônicas. Ao propor a transição para o “esporte da escola”, pautado na inclusão, o autor alinha-se a um movimento contemporâneo de especialistas que rejeitam o conteúdo pautado unicamente no rendimento. Tal resistência acadêmica justifica a busca por alternativas pedagógicas que priorizem a compreensão do fenômeno esportivo em detrimento da mera execução motora excludente.

Nesse sentido, concordo que a lógica que devemos pensar é o esporte da escola, e não simplesmente o esporte na escola, com todos os seus códigos das instituições esportivas (GONZÁLEZ, 2020). Dessa forma, buscando colaborar com



essa perspectiva de utilização desse conteúdo na Educação Física Escolar, decidimos colocar foco nas diferentes abordagens possíveis de ensino desse conteúdo esportivo, que está previsto na BNCC e deve ser desenvolvido junto aos estudantes nos diferentes níveis de ensino.

A BNCC trata-se de um documento oficial do Ministério da Educação (MEC) que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos da Educação Básica devem desenvolver ao longo das etapas escolares. De acordo com a BNCC, o esporte é reconhecido como uma das principais manifestações da cultura corporal a serem desenvolvidas no componente curricular de Educação Física (BRASIL, 2018).

No Ensino Fundamental, o documento propõe que o esporte seja abordado não apenas como prática corporal, mas como um conteúdo pedagógico que contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes. Segundo Brasil (2018), o processo de aprendizagem na Educação Física deve priorizar a cooperação e o trabalho coletivo, estimulando a colaboração entre os colegas, a comunicação eficaz, o respeito mútuo e o protagonismo dos estudantes em suas vivências. Além disso, é fundamental que os alunos sejam capazes de analisar criticamente o contexto social e cultural dos esportes, refletindo sobre sua origem, inserção na sociedade e impacto cultural, desenvolvendo, assim, uma visão mais consciente e inclusiva.

Segundo Betti (1994), o ensino dos esportes deve ser orientado por valores como respeito, inclusão, autonomia e solidariedade, superando a visão tradicional centrada exclusivamente na competição e no alto rendimento. Nessa perspectiva, é fundamental assegurar o acesso e a participação de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, habilidades ou limitações, valorizando o processo de ensino-aprendizagem como um espaço de formação integral.

A proposta da BNCC também incentiva o trabalho com diferentes modalidades esportivas (como voleibol, futsal, atletismo, entre outros), articuladas ao desenvolvimento de competências gerais, como o pensamento crítico, o trabalho em equipe e o reconhecimento do esporte como patrimônio cultural (Brasil, 2018). Assim, como orienta a BNCC, Bracht (2003) defende que o esporte na escola não deve reproduzir o modelo voltado ao alto rendimento. Para o autor, é fundamental ressignificar o esporte como um conteúdo pedagógico, capaz de contribuir para a



formação de sujeitos críticos, autônomos e participativos, respeitando as diferenças individuais e a diversidade presente no contexto escolar.

Darido e Rangel (2005) destacam que o esporte, no contexto escolar, deve ser compreendido como um meio para a aprendizagem, e não como um fim em si mesmo, assim como apresentado na BNCC. Segundo as autoras, cabe ao professor atuar como mediador de experiências significativas, que estimulem não apenas o desenvolvimento motor, mas também aspectos sociais, éticos e culturais, promovendo reflexões críticas sobre o papel do esporte na sociedade.

Segundo Kunz (1991), o esporte é introduzido na Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os quais são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças, contribuindo para aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais. A prática esportiva nessa fase deve ser lúdica, inclusiva e educativa, respeitando o ritmo de cada aluno.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, o esporte atua como uma ferramenta educacional abrangente, contribuindo para o desenvolvimento físico, o estímulo ao raciocínio, a formação de valores sociais e a preparação dos alunos para uma atuação crítica, consciente e participativa na sociedade. Segundo González (2020), o esporte na escola deve fazer parte da cultura corporal do movimento, objetivo maior e interligado ao processo educacional; assim, devemos pensá-lo numa perspectiva inovadora de sua prática nas aulas de Educação Física Escolar.

No documento, também são apresentadas as competências e habilidades que os alunos desenvolverão no esporte ao longo do processo de aprendizagem, de acordo com suas classificações, para que haja um entendimento da lógica interna de cada esporte. González (2014) propõe uma classificação didática dos esportes, que ajuda a organizar o ensino nas aulas de Educação Física, sendo eles: esportes de marca; esportes de invasão; esportes de precisão; esportes de combate; e esportes de rede/parede.

De acordo com Impolcetto (2019), os esportes de rede/parede são modalidades em que os jogadores ou equipes atuam separados por uma rede ou por uma parede, sem contato físico direto entre os adversários. A principal lógica interna desses



esportes é enviar um objeto (geralmente uma bola ou volante) para o campo adversário, de forma que o oponente não consiga devolvê-lo dentro das regras.

A modalidade voleibol está presente nos anos iniciais do Ensino Fundamental (3º ao 5º ano) e também nos anos finais do Ensino Fundamental (8º e 9º ano), inserida no grupo dos esportes de rede, que também inclui modalidades como tênis, tênis de mesa, peteca, badminton, entre outras. A BNCC destaca as habilidades correspondentes aos esportes de rede/parede, nas quais os alunos devem experimentar e fruir as práticas corporais, vivenciando diversas modalidades esportivas, apreciando suas características e desfrutando da prática esportiva de forma prazerosa e significativa. Também é de grande importância o entendimento das regras, técnicas e táticas básicas da modalidade, praticando gestos técnicos, como saque, recepção e ataque, além de desenvolver estratégias individuais e coletivas para a execução do jogo.

No Quadro 2, apresentamos o ano de escolaridade em que os esportes de rede são inseridos na BNCC (Brasil, 2018), bem como as respectivas habilidades previstas para esse componente e, no caso, esperadas para o ensino do voleibol escolar.

QUADRO 2– Habilidades desenvolvidas na BNCC

UNIDADES TEMATICAS	ANO	HABILIDADES DESENVOLVIDAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO
Esportes	3º AO 5º	(EF35EF05) experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.	Esportes de rede/parede
Esportes	3º AO 5º	(EF35EF06) diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os	Esportes de rede/parede

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



		constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer).	
Esportes	8º ao 9º	(EF89EF01) experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.	Esportes de rede/parede
Esportes	8º ao 9º	(EF89EF02) praticar um ou mais esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.	Esportes de rede/parede
Esportes	8º ao 9º	(EF89EF03) formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.	Esportes de rede/parede
Esportes	8º ao 9º	(EF89EF04) identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.	Esportes de rede/parede

Adaptado de Brasil (2018)

No município de Uberlândia/MG, onde exerço a docência, o documento orientador da Educação é composto pelas Diretrizes Curriculares Municipais, cuja última atualização ocorreu em 2018 (Uberlândia, 2018). Assim, como a BNCC, esse documento apresenta os eixos temáticos e as habilidades a serem desenvolvidas ao longo do processo de ensino-aprendizagem. O esporte é inserido nas diretrizes a partir do 1º ano do Ensino Fundamental I, com o objetivo de promover valores como o coletivo, a ludicidade e a autonomia dos alunos. Especificamente em relação ao voleibol, sua introdução está prevista a partir do 3º ano do Ensino Fundamental I, sendo mantida nos 4º e 5º anos. No entanto, é importante destacar que, no Ensino Fundamental II, o conteúdo de voleibol não está contemplado em nenhuma das séries, conforme o documento vigente.

Apesar de ser legítimo que o município elabore sua própria proposta pedagógica, nota-se que ela entra em conflito com alguns princípios fundamentais da



BNCC, bem como com os objetivos do desenvolvimento integral dos alunos e da valorização do voleibol enquanto prática social significativa. A ausência dos esportes de rede nas diretrizes curriculares do Ensino Fundamental II do município evidencia uma lacuna importante. Quando o voleibol é eventualmente inserido, seu ensino se limita, em grande parte, a aspectos procedimentais, com ênfase exclusiva na execução técnica dos movimentos, desconsiderando dimensões atitudinais e conceituais da modalidade.

Os alunos da escola onde será desenvolvido o projeto demonstram grande envolvimento com a prática do voleibol, realidade semelhante à observada em outras instituições de ensino da cidade. Esse interesse é fortemente influenciado pela presença de equipes locais, tanto masculinas quanto femininas, na Superliga de Voleibol, o que tem proporcionado ampla visibilidade à modalidade por meio das redes sociais, noticiários locais e transmissões de jogos. Analisando este contexto atual pela TBDH demonstra as relações dos diferentes ambientes em que o indivíduo (aluno) participa e sofre influências (BRONFENBRENNER, 1996).

Essa exposição tem incentivado ainda mais a prática do voleibol em clubes, praças e, especialmente, no ambiente escolar. Bianchi (2006) destaca a importância das transmissões esportivas como um fator significativo para despertar o interesse dos telespectadores pela prática esportiva, reforçando o papel da mídia na popularização e valorização do esporte.

Segundo Freire (2012), o voleibol ainda não alcança o mesmo impacto que o futebol exerce na sociedade brasileira; porém, gradualmente, vem conquistando seu espaço. Após diversas conquistas significativas na década de 2000 pela seleção brasileira de voleibol, os meios de comunicação passaram a dedicar mais atenção ao esporte. No entanto, essa visibilidade ainda é limitada e não condiz com a relevância que o voleibol já possui no país, restringindo-se, em grande parte, a transmissões esporádicas.



2.3 Voleibol escolar: o jogo e suas dimensões

O ensino do voleibol deve tratar da história, dos fundamentos técnicos e das regras, com o objetivo de proporcionar aos alunos uma vivência da modalidade. Ao conhecerem a origem e a evolução do esporte, os fundamentos básicos e as normas que o regem, os alunos desenvolvem não apenas habilidades motoras, mas também uma compreensão crítica e significativa da prática esportiva, favorecendo o aprendizado do esporte (BRASIL, 2018).

No processo de ensino-aprendizagem do voleibol, é fundamental considerar as três dimensões propostas por Coll et al. (2000), que são: a conceitual, a procedimental e a atitudinal. Para os autores elas contribuem para uma formação integral dos alunos, tanto no aspecto técnico quanto no cognitivo e comportamental.

Coll et al. (2000) citam que as dimensões possuem uma classificação que ajuda a entender a aplicação dessas dimensões, que seriam: “o que se deve saber?”, referente à dimensão conceitual; “o que se deve saber fazer?”, relacionada à dimensão procedimental; e “como se deve ser?”, correspondente à dimensão atitudinal.

Segundo Barroso e Darido (2010), a aplicação das três dimensões resultou em uma maior participação dos alunos, o que também esteve relacionado ao aumento da disposição dos professores em planejar e elaborar aulas, utilizando estratégias diversificadas que favorecessem o engajamento dos estudantes, visto que, nas aulas de Educação Física, foi e ainda é muito utilizada apenas a dimensão procedimental.

Na dimensão conceitual, os alunos terão contato com os conceitos, regras, fatos e a teoria do voleibol, ou seja, com o domínio do conhecimento declarativo. Pozo (2000) cita que o conteúdo conceitual a ser ensinado deve apresentar uma organização lógica interna, e sua aprendizagem geralmente envolve a tensão entre dois processos complementares, que são: a) as atividades de descobrimento, em que o aluno constrói o conhecimento por meio da investigação e da experiência; b) a atividade de exposição, característica do ensino mais tradicional, baseado na transmissão direta de informações.



Como destacado por Darido e Rangel (2005), o ensino dos esportes coletivos na escola deve considerar o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento, e isso só é possível quando ele entende o conteúdo de forma crítica e contextualizada, o que reforça a importância da dimensão conceitual. Dessa forma, o ensino do voleibol sob a perspectiva conceitual consiste em oferecer ao aluno subsídios para compreender a lógica do jogo, interpretar suas regras e estruturas, além de refletir criticamente sobre seu papel social, cultural e educativo no contexto da prática esportiva.

As dimensões procedimentais dizem respeito ao saber fazer no contexto das aulas de Educação Física, englobando a execução dos movimentos, o desenvolvimento das habilidades motoras e o domínio das técnicas específicas de cada modalidade esportiva (Darido; Rangel, 2005). A partir da apropriação desses conhecimentos, os alunos passam a atuar com maior autonomia durante as aulas e os jogos, o que favorece uma participação mais ativa, consciente e significativa nas práticas corporais. No voleibol, essa dimensão se aplica ao aprendizado dos fundamentos (saque, manchete, toque, cortada e bloqueio na rede), ao deslocamento, ao posicionamento em quadra, ao sistema de rodízio, às estratégias de ataque e defesa e ao trabalho em equipe durante a partida.

No modelo tradicional, a dimensão procedimental é amplamente utilizada, pois apresenta como característica a repetição de movimentos e a priorização do domínio técnico, o que torna o processo de ensino-aprendizagem mecânico e, muitas vezes, pouco significativo para os alunos. No entanto, para Kunz (1991), o processo de ensino não deve se restringir apenas ao aprendizado motor, mas deve também promover a compreensão dos significados das práticas corporais, bem como o desenvolvimento de valores e atitudes por parte dos alunos. Desta forma, reforçamos a visão de Impolceto (2016) para o ensino da modalidade no contexto escolar:

Entende-se atualmente que o voleibol, como elemento constituinte da cultura corporal, deve ser desenvolvido na escola por meio de uma perspectiva renovadora, ou seja, que ultrapasse o ensino tradicional, pautado especialmente na prática dos gestos técnicos das modalidades, ampliando seu ensino por meio de outros elementos como: aspectos históricos, fatos e



conceitos relevantes; a compreensão da dinâmica da modalidade, elementos táticos; valores e atitudes. (IMPOLCETO, 2016, p. 2).

Os valores, atitudes e comportamentos dos alunos no decorrer do aprendizado decorrem da dimensão atitudinal, que é de grande importância nesse processo, pois contribui para o respeito, a cooperação, a solidariedade e a ética dos alunos, auxiliando na formação integral e fazendo com que o aluno assuma uma postura ativa e significativa no processo (Darido; Rangel, 2005). Como exemplo da dimensão atitudinal no voleibol, podemos incluir o incentivo a atitudes como respeito ao adversário e aos colegas, valorização do esforço coletivo e o espírito esportivo, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais essenciais.

O voleibol trabalhado nessas três dimensões torna-se mais significativo para o aluno, contribuindo de maneira efetiva para sua formação integral e oferecendo uma variedade de benefícios educacionais, físicos e sociais. Assim, como citado por Souza et al. (2010), o voleibol é de grande importância nesse processo de aprendizagem, auxiliando no desenvolvimento motor dos alunos e, também, no fortalecimento da autoestima, do cooperativismo, da disciplina e da socialização entre alunos de diversos gêneros.

O esporte também pode e deve ser trabalhado de forma lúdica, por meio de minijogos e atividades adaptadas, sem que o foco esteja exclusivamente no alto rendimento. Essa abordagem é especialmente importante no contexto das aulas de Educação Física escolar, em que todos os alunos devem ser incluídos, independentemente de seu nível de habilidade (DIAS, 2020).

Excluir estudantes por apresentarem menor desempenho técnico contraria os princípios pedagógicos da disciplina, que visam à participação, ao desenvolvimento integral e à valorização das experiências corporais de todos. Betti (1994) cita que o esporte na escola não pode ser visto como um esporte de alto rendimento e de seleção, pois o objetivo geral está na formação do cidadão, e não apenas nos resultados.

Nas escolas em que atuei, observei que o voleibol tem sido trabalhado predominantemente sob a perspectiva procedimental, com ênfase quase exclusiva na execução correta dos gestos técnicos como principal critério de avaliação. Essa



abordagem, centrada no desempenho motor, tem resultado em um afastamento significativo por parte dos alunos menos habilidosos, que, por não se sentirem capazes de acompanhar os colegas, preferem se excluir das atividades, permanecer sentados ou até buscar outras tarefas durante a aula. Em muitos casos, esse distanciamento está relacionado ao medo de cometer erros e ser alvo de críticas ou chacotas por parte dos colegas mais experientes, o que compromete não apenas a aprendizagem, mas também a autoestima e o interesse dos estudantes pela prática esportiva.

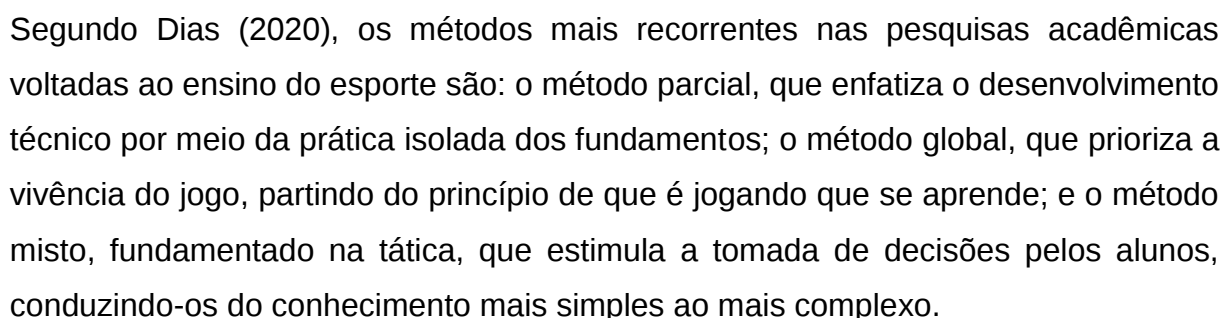
O voleibol desenvolvido como um jogo traz vários benefícios para os estudantes, não podendo ser considerado apenas um passatempo para distrair os alunos. Como afirmam Ginciene e Impolcetto (2019), a prática esportiva escolar exige uma mediação pedagógica intencional que transforme o momento do jogo em um espaço de aprendizagem crítica e inclusiva.

Nessa perspectiva, o ensino do voleibol no ambiente escolar deve ir muito além do simples aprendizado técnico do esporte. Segundo Souza et al. (2010), o voleibol é fundamental para o desenvolvimento dos estudantes, pois estimula a execução de diversos movimentos corporais, contribuindo para o aprimoramento motor e favorecendo a socialização.

O jogo, ao ser utilizado como um instrumento educativo, pode contribuir significativamente para a inclusão dos alunos, uma vez que permite a adaptação de regras e dinâmicas, possibilitando a participação de todos, independentemente de suas habilidades ou limitações. Segundo Freire (1996), a prática educativa deve partir da realidade dos educandos e respeitar suas particularidades, criando oportunidades para que todos aprendam e se desenvolvam.

2.4 Métodos e estratégias de ensino do voleibol

O esporte pode ser desenvolvido na escola por meio de diferentes métodos de ensino, sendo responsabilidade do professor selecionar aquele que melhor atenda aos objetivos pedagógicos, ao perfil dos alunos e à proposta curricular da instituição.



A metodologia analítica, também conhecida como parcial, é amplamente utilizada na Educação Física como uma forma de ensinar os gestos motores de maneira fragmentada e isolada do contexto do jogo. De acordo com Tenroller e Merino (2006), esse método consiste em dividir uma habilidade motora em partes menores, ensinando-as separadamente para, posteriormente, integrá-las em sua totalidade. No caso do voleibol, por exemplo, o ensino ocorre por meio da prática individual de cada fundamento — como o saque, a manchete e o toque — antes de serem aplicados em situações reais de jogo.

O método analítico apresenta vantagens significativas no ensino do voleibol, especialmente por considerar que muitos dos movimentos do jogo não são naturais para os praticantes iniciantes. A intenção do método é fragmentar os gestos técnicos, visando maior assimilação dos conteúdos, facilitando o aprendizado progressivo. Além disso, possibilita ao professor uma observação mais precisa dos erros técnicos cometidos pelos alunos, o que contribui para uma intervenção e correção mais eficazes durante o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Tolves, Delevati e Sawitzki (2014), uma das vantagens desse método é permitir que o professor organize o ensino por etapas, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada aluno e favorecendo uma progressão mais adequada ao seu desenvolvimento.

Junior (2015) destaca algumas desvantagens do método analítico, apontando que, nesse contexto, as crianças têm poucas oportunidades de estabelecer relações entre os gestos técnicos aprendidos e as situações-problema vivenciadas nos jogos. Isso pode comprometer a capacidade de tomada de decisão diante das situações imprevisíveis que os jogos geralmente apresentam.

Uma das principais dificuldades em aplicar o método analítico nas aulas de Educação Física está relacionada à limitação de recursos materiais. Para fragmentar



e praticar os gestos técnicos de forma eficaz, é necessário dispor de uma quantidade maior de bolas e de materiais de apoio, o que nem sempre está disponível nas escolas, especialmente na rede pública.

No método global, as habilidades e capacidades essenciais para a aprendizagem são desenvolvidas por meio da vivência direta do jogo. Nessa abordagem, o aluno é inserido em situações reais ou adaptadas que respeitam a lógica interna da modalidade, ou seja, suas regras, objetivos e dinâmicas próprias. Para que o processo de aprendizagem seja efetivo, é fundamental que o aluno compreenda essa lógica, pois é a partir dela que ele desenvolve sua tomada de decisão, pensamento tático e domínio técnico de forma integrada.

Como destaca Santini (2005), um dos principais aspectos positivos do método global é que o aluno inicia seu processo de aprendizagem vivenciando o jogo. Quando, durante essa prática, o aluno realiza um dos fundamentos de maneira inadequada ou muito distante da técnica esperada, o professor intervém pontualmente, orientando e corrigindo o movimento para que ele se aproxime da forma correta, sem interromper a dinâmica da atividade.

Tolves, Delevati e Sawitzki (2014) destacam que, embora o método global apresente diversas vantagens, pode, em alguns casos, gerar desmotivação nos alunos, especialmente quando não dominam minimamente os fundamentos técnicos. Além disso, os autores apontam que esse método pode dificultar a avaliação do desempenho individual, uma vez que o aluno, ao não ter aprendido corretamente a execução dos gestos técnicos, tende a apresentar dificuldades durante o jogo, o que compromete tanto seu rendimento quanto sua autoconfiança.

O método misto representa uma síntese entre os métodos analítico e global, permitindo ao aluno desenvolver tanto os aspectos técnicos, por meio de exercícios fragmentados, quanto a aplicação prática desses fundamentos em situações próximas à realidade do jogo. Essa abordagem busca equilibrar a repetição técnica com a vivência tática, promovendo um aprendizado mais completo e significativo (SANTINI, 2005).

No ensino do voleibol, o método misto exerce grande influência no processo de aprendizagem dos alunos, pois integra os benefícios do método analítico e do método



global. Por meio do analítico, o aluno desenvolve os fundamentos técnicos da modalidade, como o saque, a recepção, o bloqueio e o ataque. Já o método global oferece a vivência de situações reais de jogo, permitindo que esses fundamentos sejam aplicados de forma contextualizada. Essa combinação proporciona um aprendizado mais completo, dinâmico e significativo.

No quadro 4 é feito um comparativo entre os 3 métodos:

Quadro 3 – Principais características dos métodos Parcial, Global e Misto

Aspecto	Método Parcial Ou Analítico	Método Global	Método Misto
Foco principal	Técnica: execução isolada dos fundamentos (toque, manchete, saque, etc.)	Jogo: vivência do jogo como forma de aprender	Integração entre técnica e tática
Forma de ensino	Ensina cada fundamento separadamente, com repetições mecânicas	Parte-se do jogo (adaptado ou simplificado), mesmo sem domínio técnico completo	Inicia-se com fundamentos e os aplica em jogos adaptados
Exemplo prático no voleibol	Repetir 20 manchetes em duplas, depois 20 toques e 10 saques	Jogo 3x3 com regras adaptadas (ex: sem saque, bola lançada pelo professor)	Ensinar o toque e, em seguida, realizar um jogo 3x3 com foco na recepção
Vantagens	Favorece a precisão técnica; bom para iniciantes aprenderem gestos	Desenvolve percepção de jogo, raciocínio tático e cooperação	Desenvolve técnica e aplicação tática de forma progressiva
Desvantagens	Pouco contextualizado; aprendizagem menos significativa	Técnica pode ficar comprometida se não for corrigida adequadamente	Requer planejamento e adaptação constantes pelo professor
Indicado para	Iniciantes ou reforço técnico de movimentos específicos	Alunos com alguma familiaridade com o jogo	Todos os níveis; ideal para progressão didática e aprendizagem significativa



Em nosso estudo, utilizamos o método misto, com o objetivo de proporcionar uma aprendizagem mais completa e significativa, que articulou o desenvolvimento técnico com a compreensão do jogo. Ao integrar essas duas estratégias, o professor pretende a aprendizagem dos fundamentos específicos da modalidade, ao mesmo tempo em que estimulou a tomada de decisão, o raciocínio tático e a participação ativa dos alunos no jogo como um todo.

Como estratégia de ensino, foram utilizados os minijogos, que são atividades pedagógicas planejadas com o objetivo de facilitar a aprendizagem de habilidades motoras, cognitivas e sociais por meio de situações lúdicas e adaptadas. Nos minijogos, foram utilizadas regras adaptadas, menor número de participantes, espaços reduzidos e materiais acessíveis, com o objetivo de ampliar a participação dos alunos e favorecer um aprendizado mais efetivo e significativo.

2.5 Processo de Ensino e Aprendizagem por meio dos minijogos

Atualmente, ainda é comum encontrar o ensino do voleibol sendo realizado por meio de práticas tradicionais, com ênfase quase exclusiva no método global — ou seja, focado apenas na vivência do jogo. De acordo com Tolves, Delevati e Sawitzki (2014), essa abordagem pode levar à desmotivação dos alunos e a uma avaliação ineficaz do processo de aprendizagem. Embora valorize a participação e o caráter lúdico, esse método, muitas vezes, negligencia o ensino sistematizado dos fundamentos técnicos e a progressão pedagógica necessária para que todos os alunos se desenvolvam de maneira eficaz e significativa.

O uso dos minijogos como estratégia pedagógica na Educação Física tem se mostrado um recurso valioso para o ensino dos esportes, tornando as aulas mais acessíveis, significativas e inclusivas, ao promover a participação ativa de todos os alunos e facilitar o processo de aprendizagem por meio do jogo. Silveira (2005, p. 7) cita a importância do jogo.

Através do jogo o aluno tende a aprender a tomar decisões, formulando conceitos através da compreensão que o contexto jogo fornece. Desta forma, é necessário conhecer o jogo esportivo e suas táticas a fim de extrair o máximo possível de proveito durante o jogo. Interligando assim, inteligência, domínio e habilidades que o próprio ambiente proporciona ao aluno durante as diferentes situações de jogo. (SILVEIRA, 2005, p. 7)



Os minijogos possuem características específicas, como regras adaptadas, espaços reduzidos, menor número de participantes e uso de materiais alternativos (Dias, 2020). Dessa forma, proporcionam aos alunos um ambiente de aprendizagem dinâmico, desafiador e motivador.

Essa metodologia rompe com o modelo tradicional e tecnicista que, muitas vezes, prioriza apenas a repetição mecânica de gestos motores, e aproxima-se de uma abordagem mais lúdica e construtiva, na qual o aluno aprende jogando e participando ativamente do processo (DIAS, 2020). De acordo com Bayer (1994), os jogos modificados ou adaptados, como os minijogos, permitem que o aluno compreenda as estruturas fundamentais do jogo e desenvolva suas capacidades motoras e cognitivas dentro de um contexto funcional.

Os minijogos tornam-se recursos fundamentais no ambiente escolar em que atuo, especialmente diante da escassez de materiais esportivos. Essa limitação impõe desafios significativos ao trabalho com as modalidades esportivas, exigindo constante adaptação e improvisação por parte do professor. Como destaca Vitorino (2023), em grande parte das escolas, a falta de materiais e de espaços físicos adequados dificulta o desenvolvimento das aulas de Educação Física, comprometendo o pleno aproveitamento pedagógico da prática esportiva.

Conforme defendem Coutinho e Silva (2009), o uso de jogos com regras e espaços adaptados proporciona maior fluidez e prazer à prática esportiva. Ao garantir o envolvimento de todos e evoluir gradualmente em complexidade, essa estratégia eleva o engajamento dos alunos durante as aulas práticas.

Segundo Graça e Mesquita (2007), no contexto dos jogos, é essencial evitar a simples reprodução mecânica de técnicas. Em vez disso, os autores defendem a criação de situações pedagógicas que desafiem os alunos a resolver problemas, possibilitando que, por meio dessas vivências, eles construam e assimilem conhecimentos de forma ativa e significativa.

O jogo deve ser incorporado às sessões de prática esportiva, pois atua como um importante recurso pedagógico, ajudando no entendimento do jogo propriamente dito. Ao promover uma simulação lúdica do contexto esportivo, o jogo estimula



respostas criativas, tanto individuais quanto coletivas, além de favorecer a motivação, o engajamento, a cooperação e o prazer pela prática. Massambani (2020) verificou que a mudança do ambiente das aulas de Educação Física Escolar é fundamental para a motivação e o estímulo à participação dos alunos e, portanto, uma estratégia importante para o desenvolvimento da cultura corporal.

Segundo Gallahue (2005), o jogo contribui para o desenvolvimento do entendimento técnico-tático nos esportes coletivos, possibilita a vivência integrada de aspectos físicos, técnicos e táticos, desperta o interesse contínuo pela atividade e oferece desafios imprevisíveis que enriquecem o processo de aprendizagem. Tais aspectos também são visualizados, segundo Silva (2014), quando ensinamos a modalidade voleibol.

O desenvolvimento e o sucesso com o voleibol, assim como qualquer outra modalidade esportiva, dependem do comprometimento e da qualidade da sua prática pedagógica, reconhecendo a importância do jogo como um vínculo para o desenvolvimento social, emocional e intelectual dos alunos (SILVA, 2014, p. 40).

Com a inserção dos minijogos no planejamento pedagógico, observa-se uma maior facilidade no processo de aprendizagem durante a iniciação esportiva. Nesse sentido, Greco e Benda (1998) destacam que os jogos reduzidos e adaptados permitem que os alunos vivenciem situações táticas e técnicas presentes nos esportes formais, respeitando seu nível de desenvolvimento e promovendo uma aprendizagem mais efetiva.

Os minijogos oferecem uma oportunidade valiosa para que os alunos tenham maior contato com a bola, promovendo uma participação mais ativa durante as aulas, conforme observou (DIAS, 2020). A autora argumenta em seu estudo que diferentemente do jogo formal, em que, muitas vezes, apenas os alunos mais habilidosos têm acesso frequente à bola, os minijogos proporcionam um ambiente mais equilibrado e inclusivo, favorecendo a repetição dos gestos técnicos e o envolvimento de todos nas ações do jogo.

De acordo com Kunz (1994), no jogo real do voleibol, as interrupções são constantes devido à dificuldade de manter a bola no alto, reduzindo, assim, o contato



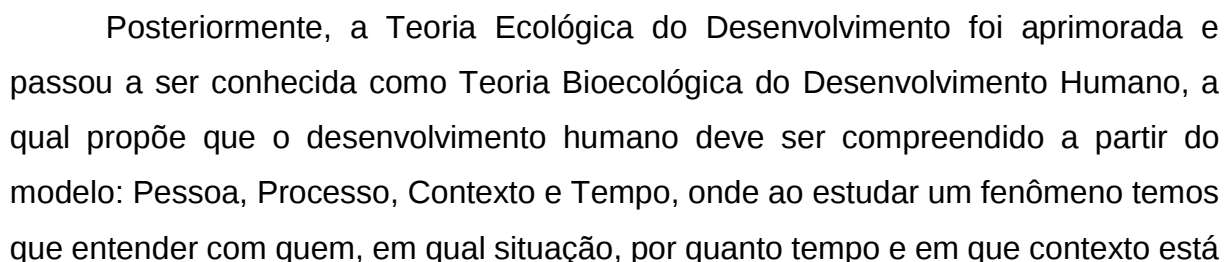
com a bola, principalmente para os alunos iniciantes. Alterar regras e fazer adaptações no jogo proporciona uma maior interação e participação dos alunos. Assim como citado por Magalhães (2020),

Alterar as regras é um dos meios mais eficazes para que os alunos possam jogar sem grandes habilidades e, assim, estimular a automotivação de crianças e jovens. Modificar espaço, altura da rede e número de jogadores, além de mudar o número de contatos permitidos para que os alunos tenham sucesso, fortalecendo a permanência na prática também são alternativas válidas (pg. 35)

A escassez de materiais e a ausência de espaços adequados são fatores que frequentemente dificultam o trabalho docente nas aulas de Educação Física, especialmente no contexto da escola pública, como bem abordou essa problemática o estudo de Vitorino (2020). Nesse cenário, os minijogos se apresentam como uma alternativa pedagógica viável, pois podem ser adaptados a diferentes realidades estruturais, exigindo poucos recursos e possibilitando a realização de atividades significativas mesmo em ambientes com limitações físicas e materiais.

A utilização de minijogos nas aulas de Educação Física contribui significativamente para o aumento da motivação e do engajamento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Por serem dinâmicos, divertidos e desafiadores, os minijogos despertam o interesse dos estudantes e tornam a participação mais atrativa, inclusive para aqueles que normalmente se sentem excluídos das práticas corporais tradicionais (DIAS, 2020). Além de favorecerem o prazer pela atividade física, criam um ambiente mais acolhedor, onde todos se sentem à vontade para experimentar, errar e aprender.

Dias (2020) estudou a utilização dos minijogos no ensino do handebol. Foi possível constatar que houve um aumento das ações táticas tanto no ataque quanto na defesa, entre o pré-teste, o pós-teste e o reteste, bem como o entendimento do jogo por meio das descrições obtidas na autoavaliação dos sujeitos e nas observações durante o desenvolvimento das aulas. Dessa forma, concluiu que trabalhar com os minijogos proporcionou uma estratégia favorável para a aprendizagem do esporte coletivo, melhorando a tomada de decisão, a participação ativa dos alunos no jogo e a compreensão da lógica interna do handebol. Os resultados também evidenciaram

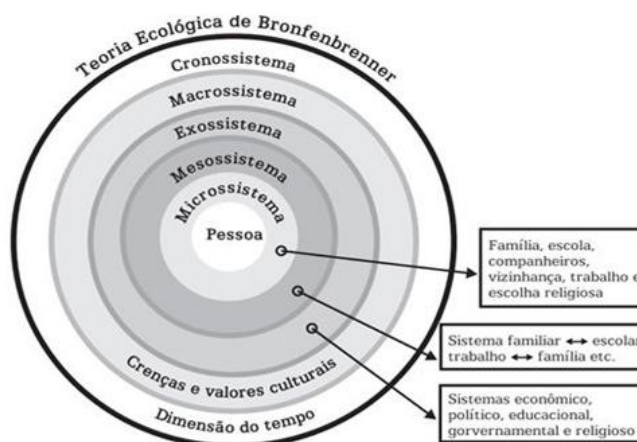




inserido. A priori, busca entender a interação entre o indivíduo e os diversos sistemas ambientais que o envolve, como o: microssistema, mesossistema, exossistema, macrosistema e cronossistema (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

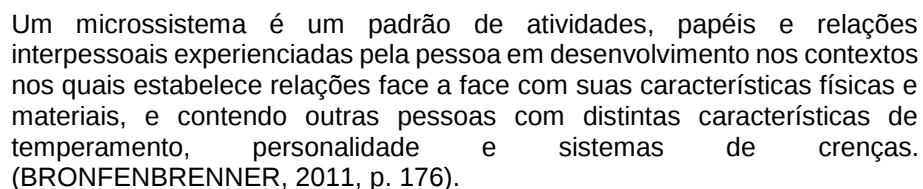
O microssistema refere-se ao nível mais imediato das interações humanas, sendo caracterizado por relações diretas, frequentes e significativas entre o indivíduo e os ambientes nos quais ele participa ativamente. Exemplos típicos de microssistemas incluem a família, a escola, uma aula de Educação Física, os amigos e a comunidade local. Como citado por Souza (2025), a Figura 1, apresentada originalmente por Bronfenbrenner (2009) e adaptada por Stasiak (2010), ilustra essa estrutura, evidenciando os espaços de convivência cotidiana que exercem influência direta sobre o desenvolvimento do indivíduo.

FIGURA 1 – Teoria Biológica do Desenvolvimento Humano



Fonte: STASIAK (2010).

É nesse nível que ocorrem os processos proximais, considerados por Bronfenbrenner como os principais motores do desenvolvimento humano. Esses processos envolvem interações recíprocas e duradouras entre o indivíduo e os elementos de seu ambiente imediato, influenciando de forma direta o seu comportamento, aprendizagem e formação ao longo do tempo (BRONFENBRENNER, 1979).



Segundo Finck (1998), o microsistema é caracterizado por inúmeras relações interpessoais nas quais o indivíduo não apenas é influenciado pelo ambiente, mas também exerce influência sobre ele. Essa dinâmica evidencia a natureza bidirecional das interações no microsistema, mostrando que o desenvolvimento humano resulta de um processo ativo, no qual o indivíduo e o ambiente se afetam mutuamente de forma contínua e significativa. Um exemplo na prática da Educação Física Escolar é o estudo de Dias (2020), onde a mudança das aulas para o ensino do esporte ampliou as possibilidades de interação entre os estudantes e a melhora no desempenho e participação no jogo.

O mesossistema refere-se à inter-relação entre dois ou mais microsistemas nos quais o indivíduo está inserido de forma ativa (BRONFENBRENNER, 1996). No contexto escolar, o voleibol pode atuar como elo entre diferentes ambientes significativos na vida do aluno, como a escola e a família, e a escola e a comunidade. A participação em eventos esportivos escolares, como torneios, festivais ou interclasses, tem o potencial de aproximar a família da rotina escolar, promovendo maior envolvimento e fortalecendo os laços afetivos e o comprometimento com o



processo educativo. Ademais, quando a escola valoriza e incentiva a prática esportiva, contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para o estreitamento do vínculo do estudante com o ambiente escolar, favorecendo seu desenvolvimento integral.

O exossistema compreende os contextos nos quais o indivíduo não está diretamente envolvido, mas cujas decisões e dinâmicas exercem influência significativa sobre seu desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996). No âmbito escolar, esse nível pode ser representado por políticas públicas educacionais e esportivas, decisões administrativas da equipe gestora, ações de instituições esportivas externas ou programas governamentais de fomento à prática. Embora o estudante não participe ativamente desses processos, os efeitos dessas iniciativas são perceptíveis em sua vivência escolar.

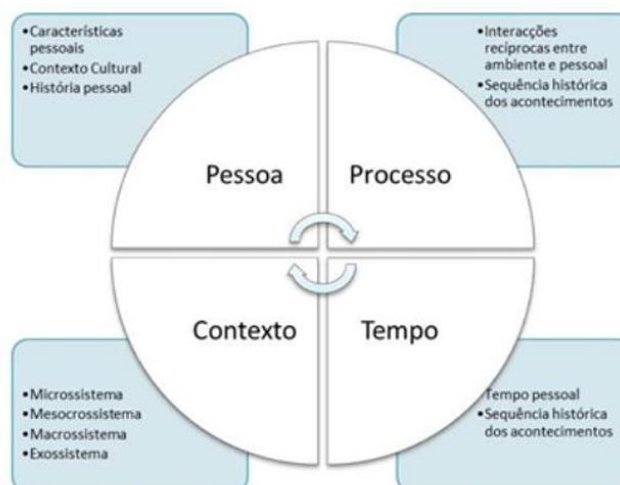
O macrosistema envolve os aspectos culturais, ideológicos, econômicos e sociais mais amplos que moldam os outros sistemas. O lugar que o esporte ocupa na cultura brasileira, a valorização do voleibol como modalidade de destaque nacional e as concepções de corpo, disciplina e sucesso influenciam o modo como a prática é percebida e vivenciada na escola. Se a cultura local valoriza o esporte como ferramenta educacional, isso se refletirá em mais oportunidades e reconhecimento para os alunos praticantes.

O cronossistema diz respeito à dimensão temporal do desenvolvimento humano, considerando as transformações que ocorrem ao longo do tempo, tanto no indivíduo quanto em seu ambiente (BRONFENBRENNER, 1996). No contexto do voleibol escolar, a trajetória do aluno pode ser marcada por diferentes fases, como a iniciação esportiva, o processo de aprendizagem e a eventual participação em competições. Essas etapas são influenciadas por mudanças pessoais, como o amadurecimento emocional, o desenvolvimento físico ou a mudança de escola, bem como por transformações familiares e sociais. Além disso, alterações em políticas educacionais, programas governamentais ou nos valores culturais atribuídos ao esporte impactam, ao longo do tempo, a forma como o voleibol é inserido no ambiente escolar e o papel que desempenha na formação dos estudantes.



O desenvolvimento do indivíduo, segundo Bronfenbrenner (2005), está condicionado à interação entre quatro dimensões fundamentais: processo, pessoa, contexto e tempo, compondo o chamado modelo PPCT da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Cada uma dessas dimensões atua de forma integrada, influenciando continuamente o crescimento e a aprendizagem dos sujeitos em seus diferentes ambientes de convivência. Conforme apresentado por Vitorino (2023), na Figura 2 de sua obra, há uma representação clara da inter-relação entre essas dimensões, destacando como os fatores individuais, sociais e históricos contribuem para o desenvolvimento, inclusive no contexto da prática esportiva escolar, como o voleibol.

Figura 2. MODELO PPCT



FONTE: Vitorino (2023)

Bhering e Sarkis (2009), em seu trabalho, citam as dimensões abordadas por Bronfenbrenner, sendo que a dimensão pessoa refere-se às características individuais de cada sujeito, incluindo aspectos biológicos, psicológicos e sociais, que influenciam diretamente a forma como ele interage com o ambiente. Já os processos dizem



respeito às interações recíprocas e contínuas entre o indivíduo e seu entorno, sendo considerados o principal motor do desenvolvimento humano. O contexto abrange os diversos níveis ambientais nos quais a pessoa está inserida, como o microssistema (família, escola), mesossistema (inter-relações entre os microssistemas), exossistema (ambientes que influenciam indiretamente o indivíduo) e macrossistema (cultura, valores e crenças sociais).

A dimensão tempo contempla tanto o tempo cronológico quanto a frequência e a duração das interações, além das mudanças históricas que afetam o indivíduo ao longo da vida. A interação dinâmica entre esses quatro elementos permite compreender o desenvolvimento humano como um processo complexo, influenciado por múltiplas camadas de experiências ao longo do tempo (BHERING; SARKIS, 2009).

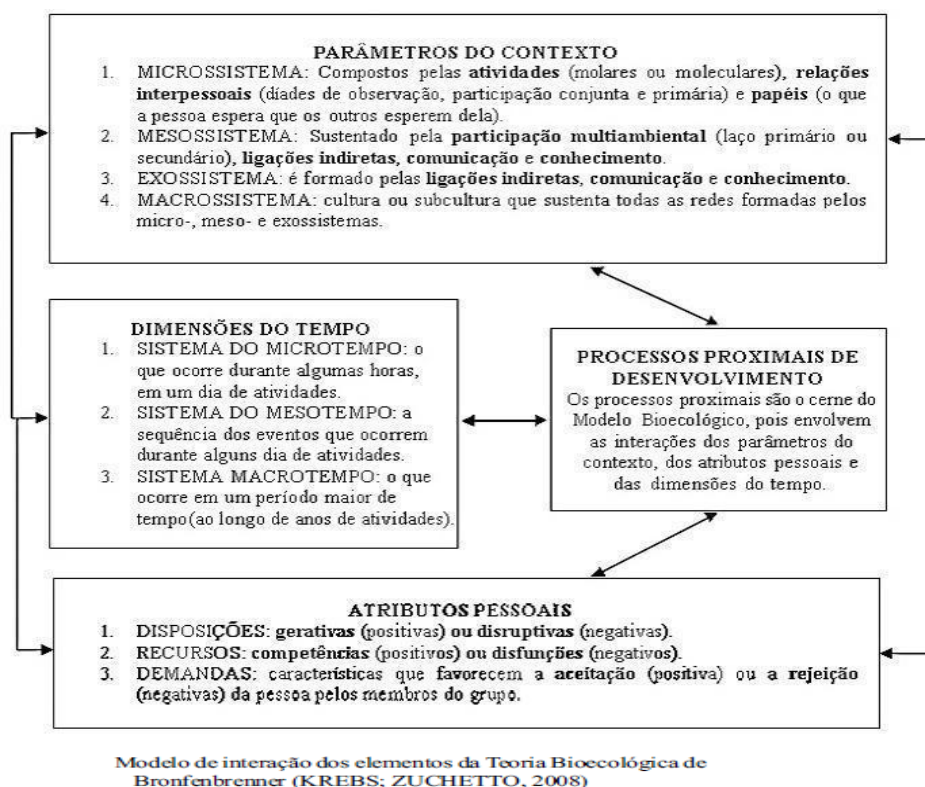
Este estudo concentra-se no microssistema, com especial atenção às interações entre alunos e professores, bem como entre os próprios alunos, quando estiverem vivenciando as atividades do processo de ensino-aprendizagem do voleibol. Com o intuito de analisar, sob a perspectiva da TBDH, os elementos que contribuem para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem por meio dos minijogos do voleibol no contexto escolar, deveremos descrever as atividades desenvolvidas e as relações que ocorrem entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-atividade. Sendo que, essas relações devem ocorrer, segundo Bronfenbrenner (1996), com equilíbrio de poder, a partir da observação e participação conjunta dos indivíduos, visando construir uma relação afetiva positiva. Assim, podemos considerar, a partir da TBDH, que, se as atividades forem significativas e persistirem temporalmente na vida dos alunos em outras aulas e/ou em outros contextos ambientais, como casa, amigos e clubes, poderemos afirmar que as vivências nas aulas podem ser caracterizadas como molares e influenciam o desenvolvimento dos alunos.

Portanto, na TBDH, segundo Spessato et al. (2009), é fundamental evidenciar os processos proximais pelos quais o ser humano passa em um determinado período de tempo e suas relações com os diferentes contextos e atributos pessoais. Em seu estudo, os autores relacionam todas as variáveis que interferem na pessoa em desenvolvimento e em suas interações, a partir do modelo proposto por (KREBS;



ZUCHETTO, 2008). No Quadro 5 está representada a proposta do modelo de interação dos principais elementos da TBDH.

Quadro 4- Proposta do modelo de interação dos principais elementos da TBDH



Em nosso estudo, as aulas de Educação Física formam nosso microssistema, onde os processos proximais ocorreram dentro de um micro e mesotempo, a partir do ensino do minivoleibol. Dessa forma, buscou-se verificar as mudanças nos atributos pessoais dos estudantes e as interferências que puderam ocorrer nos demais contextos — meso, exo e macrosistemas.

Aplicando-se a prática do voleibol escolar às dimensões citadas por Bhering e Sarkis (2009), podemos relacionar a pessoa do modelo PPCT ao aluno que fará parte das aulas de voleibol, que pode estar motivado e ter habilidades suficientes para realizar todas as atividades propostas, ou pode estar desmotivado, com baixa



autoestima, exigindo a inserção de atividades alternativas e adaptadas para que consiga se envolver com as atividades.

No componente processo da TBDH, as atividades práticas, como o aprendizado dos fundamentos do voleibol, os jogos, os minijogos e a cooperação entre os alunos, promovem um desenvolvimento social, emocional, motor e cognitivo. A participação regular nas aulas permite que o aluno desenvolva habilidades motoras, melhore sua autoestima e aprenda a trabalhar em grupo, por meio das interações constantes com os colegas e com o professor.

De acordo com Bronfenbrenner e Morris (2006), o contexto é composto por diferentes sistemas que influenciam o desenvolvimento humano. No caso do voleibol escolar, o microssistema envolve os ambientes mais próximos ao aluno, como a escola, as aulas de Educação Física e as relações entre professor e aluno ou entre os próprios alunos — ou seja, é onde a prática do voleibol ocorre diretamente. O mesossistema refere-se à articulação entre diferentes microssistemas, como a continuidade da prática esportiva fora da escola, com o envolvimento da família, amigos ou colegas em praças, clubes, projetos sociais ou até mesmo em eventos escolares que promovam partidas de voleibol com a participação da comunidade. O exossistema abrange contextos que afetam o aluno de forma indireta, como a existência de políticas públicas que incentivem eventos esportivos, a realização de campeonatos regionais e a participação de equipes locais em ligas e Superligas — fatores que podem aumentar o interesse dos alunos pela modalidade, mesmo sem contato direto com esses eventos ou equipes. Por fim, o macrossistema engloba aspectos culturais e sociais mais amplos, como a valorização do voleibol no cenário esportivo nacional e internacional, que contribui para sua inserção e reconhecimento no ambiente escolar.

A dimensão tempo, também chamada de cronossistema, refere-se à influência do tempo no desenvolvimento humano, considerando tanto as experiências acumuladas ao longo da vida quanto as mudanças históricas, sociais e culturais que afetam o ambiente. Essa variável foi incluída na proposta original de Bronfenbrenner (1996), conforme evidenciado por (BHERING; SARKIS, 2009).



No contexto do voleibol escolar, por exemplo, um aluno que pratica a modalidade desde o Ensino Fundamental tende a desenvolver, de forma mais consistente, suas competências motoras, cognitivas e sociais ao longo dos anos. Outro exemplo importante diz respeito ao aumento das transmissões de jogos de voleibol na televisão e nas redes sociais nos últimos anos, o que pode impactar positivamente o interesse dos alunos pela prática do esporte, influenciando seu engajamento nas aulas e projetos escolares.

Souza (2025) destaca em sua pesquisa que os estereótipos e expectativas sociais exercem forte influência sobre as escolhas dos indivíduos, especialmente no ambiente escolar. Nesse sentido, a TBDH contribui para a compreensão de que o desenvolvimento e as preferências dos alunos não ocorrem de forma isolada, mas são moldados por uma interação complexa entre os diversos contextos sociais nos quais estão inseridos. Essa abordagem permite analisar como fatores culturais, familiares, escolares e midiáticos influenciam as decisões dos estudantes, inclusive em relação à prática esportiva.

Por muito tempo, a sociedade reforçou estereótipos de gênero em relação ao futebol e ao voleibol, propagando a ideia de que o futebol era um esporte destinado aos meninos, enquanto o voleibol era mais apropriado para as meninas. Essas construções sociais limitaram, por muitos anos, a liberdade de escolha das crianças e adolescentes, influenciando diretamente suas preferências esportivas e suas oportunidades de desenvolvimento dentro das modalidades. Segundo a TBDH, esses padrões podem ser analisados no âmbito do mesossistema, que diz respeito às interações entre os diversos ambientes nos quais o indivíduo participa ativamente, como a relação entre escola, família e grupos sociais (BRONFENBRENNER, 1996).

Souza (2025) destaca a importância de o futebol ser trabalhado de forma planejada e intencional no ambiente escolar, tendo como um de seus principais objetivos a inclusão de todos os estudantes, independentemente do gênero. Ao ultrapassar barreiras históricas relacionadas a estereótipos de gênero, o ensino do futebol contribui para a construção de significados duradouros, promovendo valores como respeito, cooperação e equidade nas práticas esportivas escolares. Ao transformar o futebol em uma experiência inclusiva e educativa, a escola passa a atuar

Nos estudos de Coelho e Tolocka (2014), observou-se que a dificuldade na realização de habilidades motoras, assim como o excesso de peso no arremesso, pode influenciar negativamente tanto no comportamento das crianças quanto na forma como são percebidas por seus pares. Diante disso, os autores ressaltam a importância da implementação de medidas de orientação e prevenção ao excesso de peso, além da inserção de mais jogos e atividades lúdicas nas aulas de Educação Física.

3 PERCORSO INVESTIGATIVO

Para a análise da pesquisa, foi utilizado o método qualitativo, por meio da pesquisa-ação, com o objetivo de verificar o conhecimento dos alunos e, a partir desses dados, construir uma sequência de atividades que proporcione maior interesse na prática do voleibol no Ensino Fundamental II, por parte dos alunos, por meio dos minijogos. De acordo com Del-Masso e Santos (2020, p. 9), pesquisa-ação:

[...] é uma modalidade de pesquisa cuja ênfase é resolver, através da ação, algum problema coletivo no qual os pesquisadores e sujeitos da pesquisa estejam envolvidos de modo cooperativo e participativo. Na



pesquisa-ação, os pesquisadores desempenham papel ativo na resolução dos problemas. (pg.9)

Segundo Engel (2000), a pesquisa-ação geralmente desenvolve-se por meio de um ciclo contínuo que envolve planejamento, ação, observação e reflexão. Os resultados obtidos na etapa de reflexão servem de base para o replanejamento e a implementação de novas ações, possibilitando ajustes e melhorias constantes ao longo do processo. Esse caráter cíclico e interativo favorece a aprendizagem contínua e a adaptação das práticas investigadas e, para o autor, a situação problemática deve ser interpretada a partir do ponto de vista das pessoas envolvidas.

O instrumento que foi aplicado teve como objetivo identificar o que o aluno já possuía de conhecimento e qual era a expectativa dele com a introdução dos minijogos.

3.1 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Professor Mário Godoy Castanhol, localizada em uma região periférica da cidade de Uberlândia/MG, conforme autorização previamente obtida com a direção da escola (Anexo 1). Nessa escola são ofertadas, no período matutino, turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental; no período vespertino, turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental; e, no período noturno, turmas da EJA, do 6º período ao 9º período.

A escolha dessa turma justificou-se pelo fato de o professor pesquisador ser efetivo na escola e estar designado para atuar com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. Além disso, por questões de planejamento pedagógico, os alunos não tiveram contato com a modalidade voleibol no 7º ano, o que tornou pertinente o desenvolvimento deste estudo com foco na introdução e análise dessa prática esportiva.



3.2 Participantes

A amostragem inicial desta pesquisa-ação abrangeu 31 discentes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal em Uberlândia (MG). O grupo, pertencente ao turno matutino, era formado por 16 meninos e 15 meninas, com idades entre 14 e 15 anos. Ao término da intervenção, a amostra consolidou-se em 28 alunos, visto que três participantes foram excluídos: dois por transferência de instituição e um por alteração de turno. A rotina escolar dos sujeitos compreendia duas aulas semanais de Educação Física, com duração de 50 minutos cada.

Para a coleta e a intervenção, elaborou-se uma sequência didática de 10 aulas destinadas ao ensino do voleibol. A proposta metodológica fundamentou-se na utilização de minijogos como estratégia pedagógica, partindo da premissa de Greco e Benda (1998) de que tais atividades favorecem o desenvolvimento técnico, tático e social em ambientes com menor pressão competitiva. O objetivo central desses jogos adaptados foi elevar a motivação e a participação dos discentes, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e inclusivo, além de fomentar habilidades motoras, a cooperação e a compreensão das regras básicas da modalidade.

Em estrita observância aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, a participação foi voluntária, condicionada à assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos menores e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por seus responsáveis legais (Anexos 2 e 3 respectivamente).

3.3 Materiais e Métodos

Os instrumentos de pesquisa selecionados para este estudo tiveram como objetivo principal coletar e analisar dados que contribuíram para a compreensão do fenômeno investigado e facilitaram o processo de construção científica. Para tanto, utilizaram-se os seguintes recursos: questionário aberto, roteiro de entrevistas, roteiro de observação e diário de bordo.



O questionário, um dos meios mais difundidos na coleta de dados, foi aplicado de forma impressa durante o período das aulas, visando obter informações diretas dos participantes sobre suas percepções e experiências. O diário de bordo foi utilizado pelo pesquisador como uma ferramenta de registro contínuo das atividades desenvolvidas, o que permitiu anotações reflexivas sobre as práticas realizadas no decorrer das intervenções. As aulas ocorreram em diferentes ambientes escolares, tais como: sala de aula, quadra esportiva e laboratório de informática — sendo este último destinado a atividades de pesquisa teórica sobre a modalidade de voleibol.

A quadra esportiva destinada às aulas caracteriza-se como um ambiente de uso compartilhado simultaneamente com outros dois docentes. Essa configuração espacial impôs desafios logísticos à implementação da sequência didática, exigindo adaptações constantes no planejamento para viabilizar as estratégias pedagógicas propostas.

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

A pesquisa foi conduzida com um grupo de discentes do 8º ano do Ensino Fundamental. Após a seleção da amostra, aplicou-se um questionário de sondagem composto por 10 questões, com o intuito de identificar o nível de conhecimento prévio, tanto prático quanto teórico, dos estudantes acerca do voleibol.

Na sequência, desenvolveu-se uma unidade didática com duração de 10 aulas. O cronograma de intervenção abrangeu o estudo do histórico e da evolução da modalidade — viabilizado por pesquisas no laboratório de informática —, a exploração de curiosidades sobre atletas de destaque, a abordagem das regras e dos fundamentos técnicos, além da aplicação sistemática de minijogos adaptados.

Ao término da coleta de dados, foi aplicado um questionário, também contendo 10 questões, com o objetivo de analisar e avaliar o processo de aprendizagem e a evolução dos alunos após a vivência da sequência didática realizada.



3.4.1 Unidade Temática

A intervenção pedagógica foi conduzida pelo professor da turma, que também atuou como pesquisador do projeto, em uma classe do 8º ano do Ensino Fundamental. Foram ministradas 10 aulas voltadas ao ensino do voleibol por meio de minijogos, com o objetivo de analisar se as práticas propostas promoviam maior envolvimento dos alunos e aumentavam sua motivação para participar das aulas de Educação Física.

As aulas ocorreram no período de 03 de novembro a 10 de dezembro. No início desse processo, o projeto foi apresentado à turma, juntamente com seus objetivos. Na sequência, são descritas as aulas que compuseram a proposta pedagógica desenvolvida com os alunos.

Aula 01 Questionário sobre o conhecimento do Voleibol
Objetivo: Avaliar o nível de conhecimento dos alunos sobre o voleibol no contexto escolar, abrangendo aspectos relacionados às regras, fundamentos técnicos, histórico da modalidade e noções táticas básicas, com o intuito de coletar dados diagnósticos que subsidiem intervenções pedagógicas futuras no processo de ensino-aprendizagem da modalidade.
Descrição da atividade: será aplicado um questionário individualmente sobre voleibol com perguntas abertas e de múltiplas escolhas para identificar o que os alunos tem de conhecimento sobre o voleibol, posteriormente será realizado um roda de conversa para identificar se houve compressão dos alunos sobre a aplicação do questionário.



Aula 02

Apresentação do Histórico do voleibol no mundo e no Brasil e das principais regras do voleibol e a importância do voleibol através de vídeos e pesquisas.

Objetivo: Apresentar a modalidade desde seu surgimento até os dias de hoje com suas regras principais, a lógica interna do jogo, jogadores que foram destaques e os jogadores atuais e curiosidades do voleibol.

Descrição da atividade: A aula será realizada em sala de aula, com o uso de tablets, onde os alunos realizarão uma pesquisa orientada sobre o voleibol, seguindo um roteiro previamente elaborado e será apresentado alguns vídeos referentes ao voleibol.

Aula 03

Jogo do Voleibol tradicional sem a interferência do professor

Objetivo: Identificar o nível de conhecimento dos alunos em relação às regras e aos fundamentos do voleibol.



Descrição da atividade:

A aula será realizada na quadra esportiva, com a montagem da rede com uma altura de 2 metros para facilitar o jogo e a divisão dos alunos em equipes de 6 jogadores. Inicia o jogo com 2 equipes e as outras equipes ficarão. Em seguida, cada equipe deverá se organizar de forma autônoma, aplicando os conhecimentos que já possuem sobre rodízio, fundamentos e táticas do vôlei. Ao final da aula, será realizada uma roda de conversa, com o objetivo de identificar as principais dificuldades encontradas pelos alunos durante a atividade, além de promover a reflexão sobre o desempenho individual e coletivo.

Aula 04

Atividades para demonstrar o posicionamento dos jogadores e o Rodízio (Câmbio)

Objetivo: demonstrar as posições dos jogadores e como efetuar o rodízio com regras mais simples, tornando o jogo mais acessível para os alunos iniciantes. Através desse jogo será trabalhado a noção do espaço de quadra, trabalho em equipe, leitura de jogo e introdução ao saque, toque e manchete e desenvolvimento da coordenação motora.

Descrição da atividade: A atividade (Câmbio) será realizada em uma quadra oficial de vôlei, onde serão desenhados no chão os números correspondentes às seis posições (1 a 6) de cada lado da quadra, facilitando o entendimento da formação dos jogadores. A partida começará com 12 alunos, sendo 6 de cada lado da quadra, posicionados nas marcações indicadas. Antes do início do jogo, será feita uma explicação das regras e da dinâmica da atividade. Para decidir qual equipe começará com a posse da bola, será realizado um sorteio simples, como par ou ímpar. A equipe que vencer o sorteio fará o primeiro arremesso: um dos jogadores



deverá lançar a bola com uma ou duas mãos por cima da rede em direção ao time adversário, como forma de "saque adaptado". O time que recebe a bola deverá fazer a recepção com encaixe, em seguida, realizar até três passes entre seus jogadores antes de devolver a bola por cima da rede. Durante os passes, os jogadores não podem correr com a bola nas mãos, promovendo o desenvolvimento do controle e da tomada de decisão. O objetivo do jogo é lançar a bola por cima da rede e fazê-la tocar o chão na quadra adversária para marcar ponto. Durante a atividade, será ensinado e aplicado o rodízio das posições, que ocorrerá sempre que a equipe conquistar o direito ao saque após vencer um ponto recebendo a bola do adversário. O rodízio será feito no sentido horário, conforme a regra oficial do voleibol. Cada partida será disputada até 10 pontos. Ao final de cada rodada, os jogadores das equipes que estavam aguardando fora da quadra entrarão para substituir os times que estavam jogando, promovendo a participação de todos os alunos.

Aula 05

Minijogos referente aos fundamentos toque

Objetivo: desenvolver, aperfeiçoar e fixar a técnica do toque de bola de forma lúdica, divertida e dinâmica. Oportunizar que todos os alunos consigam dar pelo menos 1 toque na bola durante o ponto.

Descrição da atividade:

Inicialmente, será feita uma explicação e demonstração do movimento correto do toque, abordando a posição das mãos, postura corporal e execução do gesto técnico.

Em seguida, os alunos serão divididos em equipes de 5 alunos. Os jogadores que iniciarão o jogo poderão ficar livres na quadra(quadra reduzida) . As demais equipes ficarão na lateral, observando a partida.



A atividade será realizada com uma bola de vinil gigante, e os alunos só poderão utilizar o toque tanto para fazer passes quanto para enviar a bola ao campo adversário.

As regras do jogo são:

- Cada equipe deverá realizar no mínimo 3 toques e no máximo 6 toques antes de passar a bola para o outro lado.
- Marcará ponto a equipe que conseguir fazer a bola tocar o chão do time adversário.
- Caso uma equipe envie a bola com menos de 3 toques ou mais de 6 toques, o ponto será concedido ao time adversário.
- A partida será jogada até 10 pontos.

Enquanto duas equipes estiverem em quadra, as outras observarão ativamente o jogo, prestando atenção à execução do toque, aos erros e acertos, e ao cumprimento das regras.

Ao final da aula, será realizada uma roda de conversa, onde os alunos poderão refletir e compartilhar suas percepções sobre o fundamento do toque, os desafios enfrentados, e os aprendizados adquiridos com a atividade.

Aula 06

Minijogos referente aos fundamentos manchete

Objetivo: desenvolver, aperfeiçoar e fixar a técnica de manchete de forma lúdica, divertida e dinâmica

Descrição da atividade: A quadra será dividida em duas minis quadras, cada uma com 4,5 metros de largura por 6 metros de comprimento. A turma será organizada em trios. Cada aluno segurará um cone posicionado entre os antebraços, com as mãos na posição de manchete. Será disponibilizada uma bolinha de tênis por mini quadra. Para decidir qual equipe começa com a bolinha, será realizado um jogo de



par ou ímpar. A equipe vencedora fará o saque adaptado, realizado a partir da linha dos 6 metros. Os jogadores da equipe adversária devem se posicionar espalhados em sua quadra para tentar receber a bola. O objetivo da recepção é encaixar a bolinha dentro do cone. Caso a bolinha seja recebida corretamente, ou seja, encaixada dentro do cone, a equipe receptora ganhará o direito de sacar, alternando a cada ponto o sacador. Os pontos serão contabilizados sempre que a bolinha cair fora do cone ou sair da área delimitada da quadra. Ganha o jogo quem marcar 10 pontos primeiro. Acabando a partida os alunos que estavam de fora irão participar da atividade. Após todos os alunos terem participado da atividade com os cones será realizado uma partida sem os cones com a manchete tradicional com a bola normal de voleibol. Enquanto os alunos estão jogando os que estão de fora estão analisando a partida em andamento e fazendo anotações para no final da aula expor o que acharam da prática através de uma roda de conversa.

Aula 07

Minijogos referente ao fundamento saque

Objetivo: desenvolver, aperfeiçoar e fixar a técnica do saque de forma lúdica, divertida e dinâmica.

Descrição da atividade: Os jogadores serão divididos em grupos de 6 pessoas, com uma quadra reduzida de 6 metros de comprimento por 9 metros de largura. Será colocado em jogo 8 bolas, sendo 4 para cada time. Ao apito do professor os alunos terão que fazer o saque da linha de 6 metros. Pode ser executado tanto o saque por baixo quanto o saque por cima. Ao realizar o saque, a bola deve passar por cima da rede, caso não passe a bola retorna para o time sacador. O aluno que pagar a bola deve se encaminhar para a linha dos 6 metros para fazer o saque. A



partida durará 1 minuto. Ganha a partida que tiver menos bolas em sua quadra. Acabando a partida os alunos que estavam do lado de fora acompanhando e fazendo anotações irão participar da atividade para no final da atividade realizar uma roda de conversa para identificar as dificuldades no fundamento saque.

Aula 08

Minijogos - minivolei

Objetivo: executar todos os fundamentos de forma lúdica, divertida e dinâmica.

Descrição da atividade: a quadra será dividida em 5 mini quadras de 4,5 metros de largura por 6 metros de comprimento e serão divididos em trios para que os alunos tenham mais contato com a bola. Nessa atividade os alunos irão executar todos os fundamentos adquiridos nas atividades anteriores, fazendo o rodizio entre os 3 jogadores. Será marcado 4 minutos para cada partida. Finalizando os 4 minutos será feito um rodizio dos times em quadra, para que todos os times joguem com todos os times. Ao final da aula será realizado uma roda de conversa para identificar as dificuldades dos alunos e o que eles acharam dessa atividade.

Aula 09

Minijogos – Voleibol de lençol



Objetivo: Reconhecer os limites da quadra oficial e estimular o espírito de equipe entre os alunos.

Descrição da atividade: A turma será dividida em grupos de 6 alunos. A atividade será realizada na quadra oficial, com duas equipes por vez. Cada equipe receberá um lençol, que deverá ser segurado pelos seis integrantes, um em cada canto/lado. A bola será posicionada no centro do lençol, que deverá estar bem esticado. Para definir qual equipe começará com a posse de bola, será realizado um par ou ímpar. A equipe vencedora iniciará a partida com a bola. Ao apito do professor, os alunos da equipe com a posse irão lançar a bola para o time adversário, utilizando o lençol como uma espécie de "catapulta". A equipe adversária deverá receber a bola com seu lençol, sem deixá-la cair no chão.

- Se a bola cair no chão ou sair da quadra, o ponto será da equipe adversária, e a posse de bola volta para o time que realizou o saque anterior.
- Se a bola for recebida com sucesso, a equipe que recebeu deve continuar o jogo, devolvendo a bola com o lençol para o outro time.

A partida terá duração de 5 minutos. Após esse tempo, as equipes que estavam observando e fazendo anotações entram em quadra para participar da próxima rodada da atividade.

Aula 10

Jogo propriamente dito

Objetivo: identificar e analisar o aprendizado e a motivação dos alunos



Descrição da atividade: Será realizada uma partida com as regras oficiais do esporte. A turma será dividida em duas equipes com 6 jogadores cada. Além dos jogadores, a atividade contará com os seguintes papéis:

- 2 árbitros de rede
- 2 árbitros de linha
- 1 aluno responsável pela súmula da partida
- Os demais alunos ficarão como observadores, realizando anotações sobre o jogo.

A partida será disputada até 15 pontos. Ao término do jogo, será feito um rodízio de funções, permitindo que os alunos que estavam jogando passem a auxiliar na arbitragem e nas observações, e vice-versa.

Ao final da aula, será aplicado um questionário avaliativo com o objetivo de verificar o nível de aprendizado, o engajamento e a motivação dos alunos ao longo da sequência metodológica de 10 aulas.

3.5 Procedimentos para a análise de dados

A análise de dados fundamentou-se na triangulação de informações obtidas pelos questionários inicial e final, pelas transcrições das rodas de conversa e pelos registros do diário de bordo, no qual foram detalhadas as etapas da sequência didática e as percepções discentes. Para o tratamento desse material, aplicou-se a análise de conteúdo, que permitiu a organização dos resultados em categorias temáticas.

Sob uma abordagem qualitativa e descritiva, a interpretação dos achados foi conduzida pelo prisma da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), de Bronfenbrenner (1996), e dos trabalhos realizados sobre o ensino das modalidades coletivas no contexto escolar. Tal fundamentação permitiu uma compreensão aprofundada das interações e dos processos proximais manifestados no



microsistema escolar, revelando a complexidade do desenvolvimento dos estudantes durante as vivências no voleibol.

3.6 Aspectos Éticos

Antes da realização de qualquer procedimento de coleta de dados envolvendo seres humanos, o projeto de pesquisa que fundamentou esta produção científica foi submetido à apreciação ética por meio da Plataforma Brasil, base nacional unificada de registros de pesquisas vinculadas ao sistema CEP/Conep. O estudo foi avaliado e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o CAAE nº 94962725.4.0000.5398, com parecer nº 8.172.411.

A aprovação assegura que o projeto foi conduzido em conformidade com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece diretrizes para pesquisas envolvendo seres humanos. Conforme a normativa, todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos e possíveis riscos do estudo, formalizando sua participação mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nos casos que envolveram crianças, adolescentes ou indivíduos legalmente incapazes, foi obtido o assentimento dos participantes, além da autorização de seus representantes legais, garantindo a anuência para participação na pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Análise Dos Resultados Pré e Pós atividades

Realizou-se a análise de todo o material produzido ao longo da intervenção com o voleibol, incluindo as observações realizadas durante as aulas com minijogos, os registros no diário de bordo do professor e as autoavaliações aplicadas no início e ao final do processo, com a finalidade de identificar evidências de aprendizagem dos estudantes quanto à lógica do jogo e aos seus fundamentos técnico-táticos.



Para fins de organização da coleta de dados e preservação do anonimato, os participantes foram identificados por meio de numeração sequencial, de 01 a 28. A partir disso, os dados foram sistematizados e descritos de forma detalhada, sendo interpretados à luz dos sentidos e significados atribuídos pelos alunos às experiências vivenciadas nas aulas de voleibol, considerando suas percepções sobre participação, motivação e compreensão da modalidade.

A análise dos dados fundamentou-se na comparação entre as respostas obtidas nos momentos de pré-teste e pós-teste, delimitados pela aplicação da sequência didática de dez aulas baseadas em minijogos. O instrumento de coleta visou mensurar variáveis relativas à motivação, ao engajamento participativo, ao interesse pela modalidade, bem como à percepção de aprendizagem e à qualidade das interações interpessoais entre os discentes.

O questionário aplicado previamente à intervenção pedagógica visou diagnosticar os conhecimentos teóricos e práticos dos discentes sobre o voleibol, além de mapear suas percepções, experiências e sentimento em relação à modalidade. A análise das respostas coletadas antes da implementação das dez aulas revelou que parte dos estudantes demonstrava baixo interesse pelo esporte. Somado a isso, notou-se uma insegurança acentuada quanto à execução dos fundamentos e uma participação limitada, especialmente entre aqueles que se autopercebiam como menos habilidosos. Identificou-se, ainda, um receio latente de cometer erros perante o grupo, fator que impactava diretamente o engajamento nas atividades propostas.

A partir das respostas à primeira pergunta, observou-se que 100% dos alunos já haviam tido algum tipo de contato com o voleibol, principalmente no ambiente escolar ou por meio da televisão, o que corrobora os estudos de Bizzochi (2000) e Bojikian (2003). Esse dado indica que a modalidade está presente nas experiências dos estudantes, ainda que não necessariamente de forma contínua ou cotidiana, seja de maneira direta, nas aulas de Educação Física, ou indireta, por meio da mídia e de outros contextos de convivência.

Tal constatação reforça a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), segundo a qual os diferentes contextos

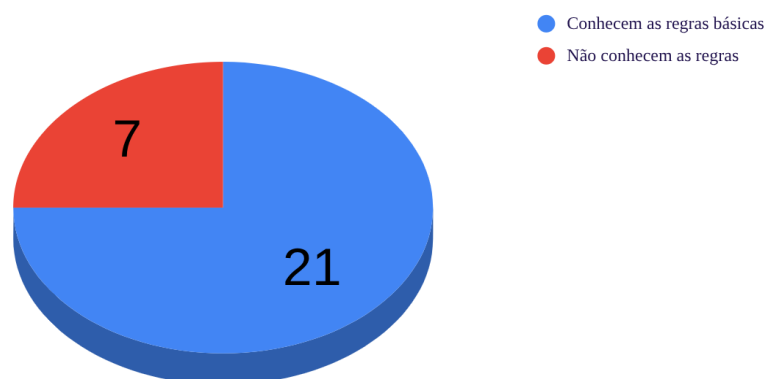


vivenciados pelos indivíduos influenciam suas percepções e conhecimentos sobre diversas temáticas (Bronfenbrenner, 1996), incluindo, neste caso, o voleibol.

Entretanto, parte dos estudantes relatou ter apenas assistido a jogos, sem vivência prática significativa, o que indica um contato mais cognitivo com a modalidade, o que pode gerar o conhecimento da lógica do jogo ou conceitual da modalidade (BARROSO; DARIDO, 2010). Esse aspecto evidencia a importância de proporcionar experiências práticas e contextualizadas, a fim de ampliar o repertório motor e a compreensão do jogo para além da observação, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e participativa.

Em relação ao conhecimento das regras, ilustrado no Gráfico 01, 21 alunos demonstraram conhecer as regras básicas da modalidade, enquanto 7 afirmaram não possuir esse conhecimento.

Gráfico 01
Conhecimento das Regras Básicas



Entre as regras mais citadas, destacaram-se: “*não pode segurar a bola*”, “*cada equipe tem direito a três toques*” e “*não pode tocar na rede*”. No entanto, algumas respostas evidenciaram uma compreensão parcial ou superficial das normas do jogo. Este conteúdo é fundamental para o entendimento de qualquer modalidade, porém, é um conhecimento que vai se adquirindo durante o processo ensino e aprendizagem, sendo facilitado por adaptações previstas nos minijogos o que leva o aluno ser mais ativo e entender as regras principais, conforme identificado no estudo de Dias (2020).



No que se refere ao contato com o voleibol no ambiente escolar (questão 3), verificou-se que 25 (89%) alunos já haviam tido experiências com a modalidade na escola, enquanto 3 (11%) relataram não ter tido esse contato. Entretanto, ao serem questionados sobre o conhecimento do histórico e da evolução do voleibol, apenas 1 estudante afirmou já ter tido acesso a esses conteúdos. Esse dado evidencia que as aulas anteriores priorizaram predominantemente os aspectos práticos da modalidade, com menor ênfase nos conteúdos conceituais e históricos relacionados ao esporte, como identificado nos relatos de alguns alunos abaixo.

Nas aulas de voleibol a gente apenas jogava e muitas das vezes sem interferência do professor (nº03)

Não vimos sobre o histórico do voleibol (nº13)

Nunca estudei sobre o histórico do volei, apenas jogávamos livre (nº16)

Na escola que eu estudava não tinha quadra, apenas um quiosque e uma parte de grama. (nº8)

Não tive aula de voleibol, sempre joguei somente futebol (nº22)

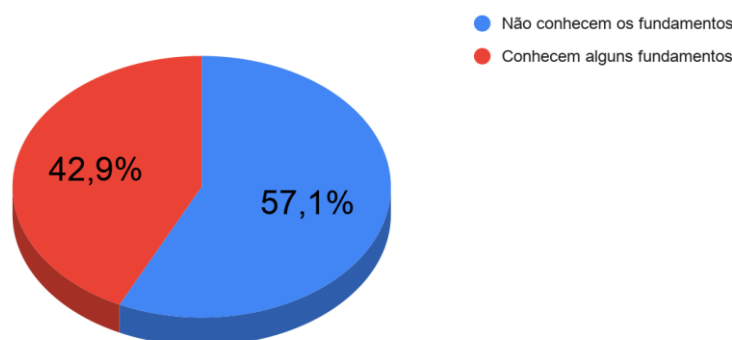
Chama-nos atenção as respostas dos alunos e as problemáticas relatadas por González (2020), indo desde a situação de “rola a bola” onde os alunos jogavam livremente (nº.8) e sem interferência do professor (nº. 3), até a situação da prática de apenas uma modalidade esportiva (nº.22) pelo gosto do professor ou dos alunos. Além disso, o aluno 8 relata a falta de infraestrutura para o desenvolvimento do conteúdo como nos apontou Vitorino (2023).

Na questão 04, referente quais eram os fundamentos do voleibol, os estudantes mencionaram principalmente: o saque, a manchete, o toque e o ataque. No entanto, alguns demonstraram dificuldade em nomear corretamente esses fundamentos, confundindo ações técnicas com regras do jogo, o que evidencia a necessidade de maior aprofundamento teórico-prático, conforme previsto por Bojikian (2003). De



acordo com o Gráfico 02, entre os participantes, 42,9% afirmaram conhecer alguns fundamentos, citando o saque, o toque e a manchete. Por outro lado, 57,1% dos alunos declararam não conhecer os fundamentos da modalidade.

Gráfico 02
Conhecimento sobre os fundamentos



Apresentam-se, a seguir, alguns relatos dos discentes que afirmaram não conhecer acerca do processo de aprendizagem dos fundamentos do voleibol:

Não conheço nenhum fundamento, só sei que o objetivo é jogar a bola de uma pessoa para outra e não deixar cair. (nº01)

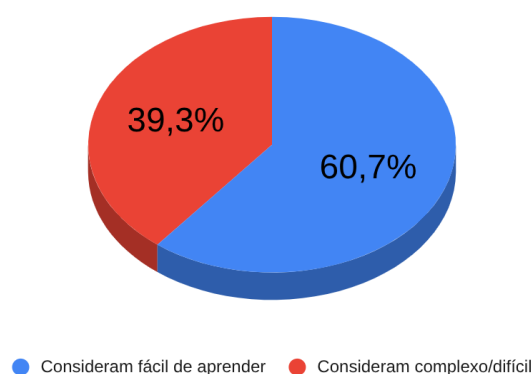
O professor não ensinou os fundamentos, nós apenas jogávamos e nem as regras eram utilizadas, não podia apenas deixar a bola cair em nossa quadra. (nº07)

Na questão 5, referente à percepção de dificuldade, a análise do Gráfico 03 revelou que 39,3% dos estudantes consideram o voleibol um esporte de aprendizagem complexa, justificando essa visão pelas exigências de coordenação motora, cooperação em equipe e domínio dos gestos técnicos. Em contrapartida, 60,7% dos alunos afirmaram que a modalidade é de fácil aprendizagem, conforme



também evidenciado no Gráfico 03. Esse percentual, associado à percepção de facilidade, contrapõe-se à literatura, que caracteriza o voleibol como um esporte complexo, demandando o refinamento de habilidades específicas por meio de diferentes métodos de ensino e de uma progressão gradual da aprendizagem, como apontam Tolves, Delevati e Sawitzki (2014) e Santin (2005).

Gráfico 03
Percepção de Aprendizagem do Voleibol



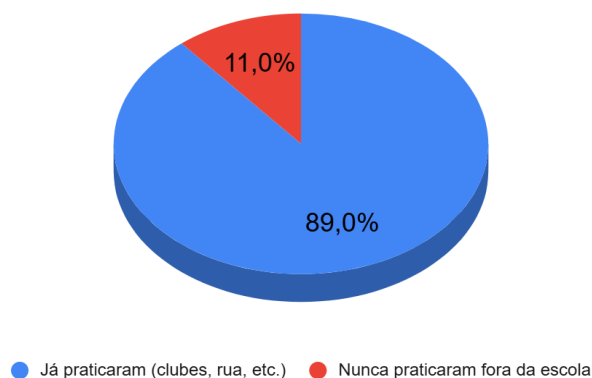
No que diz respeito à prática fora do ambiente escolar (questão 6), o Gráfico 04 indica que 89% dos alunos já praticaram voleibol em outros contextos, como clubes, quadras esportivas e também na rua com colegas. Em contrapartida, 11% dos estudantes relataram nunca ter vivenciado a modalidade fora da escola.

Quanto maior tempo de prática da modalidade melhor será seu desempenho conforme nos aponta Gallahue e Ozmun (2005). Além disso, fica evidente que no planejamento da atividade é fundamental identificar experiências vivenciadas pelos alunos em todos os ambientes que ele participa, o que pode facilitar o processo ensino aprendizagem conforme nos coloca Souza (2025).

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

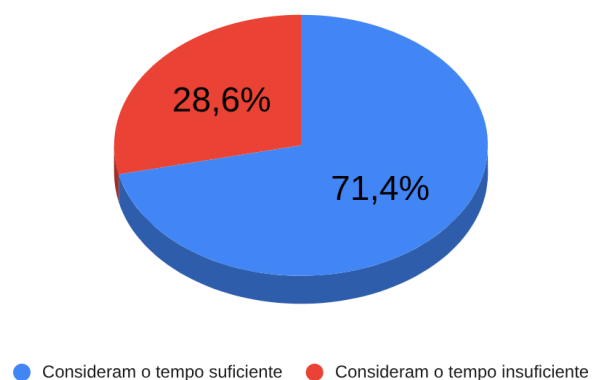


Gráfico 04
Prática Fora do Ambiente Escolar

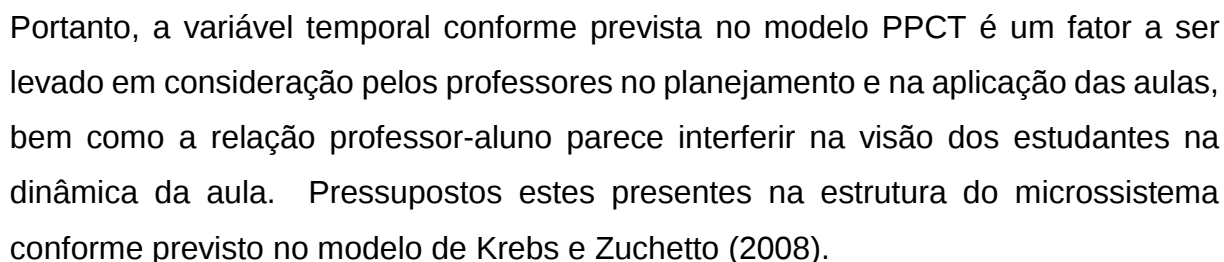


Em relação ao tempo destinado às aulas (questão 7), o gráfico 05 mostra que 71,4% dos alunos consideram que o período é suficiente para aprender o básico do voleibol, enquanto 28,6% afirmaram que não é adequado.

Gráfico 05
Tempo destinado às aula



De acordo com o diário de bordo, o aluno nº 13 observou que o tempo pode ser suficiente, desde que haja acompanhamento constante do professor durante toda a atividade. Já o aluno nº 15 destacou que o tempo não é suficiente, pois parte considerável da aula é utilizada para fazer a chamada, no deslocamento até a quadra e da quadra para a sala, restando menos de 40 minutos para a prática efetiva.

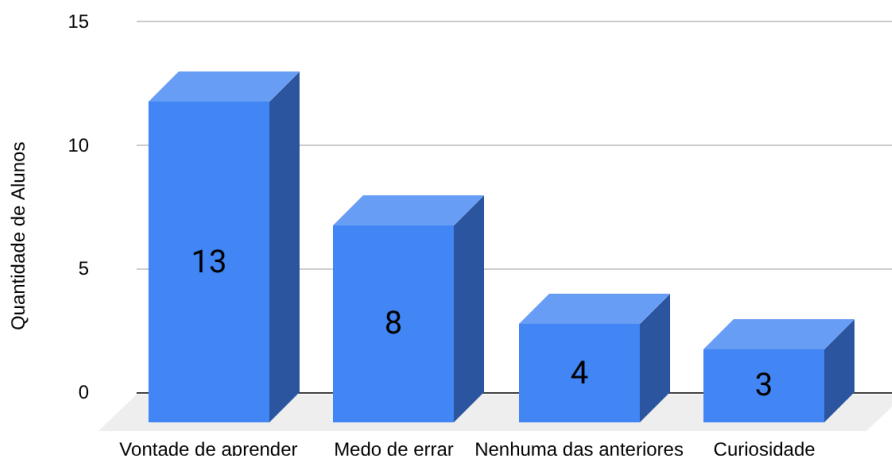


Na questão 8, referente a se o aluno conhece algum atleta profissional, apenas 4 alunos conseguiram citar nomes de jogadores. Entre os mencionados estão Giba, Wallace de Souza e Bruno Rezende, no masculino; e Macris Carneiro, Júlia Bergmann e Rosamaria, no feminino. Os outros 24 alunos afirmaram não saber ou não se recordar de nomes de atletas da modalidade. A partir desses dados, observa-se que o alcance midiático do voleibol ainda não é suficiente para garantir que a maioria dos alunos possua um conhecimento básico sobre referências profissionais do esporte, embora seja um fator importante na disseminação da modalidade conforme aponta Bojikian (2003).

Quanto aos sentimentos despertados pelo voleibol (questão 9), foram apresentadas quatro opções: curiosidade, medo de errar, vontade de aprender e nenhuma das anteriores. Os resultados demonstrados no Gráfico 06 indicam que 3 alunos relataram ter despertado curiosidade pela modalidade; 8 afirmaram sentir medo de errar durante a prática; 13 manifestaram vontade de aprender; e 4 declararam não ter experimentado nenhum dos sentimentos mencionados anteriormente.

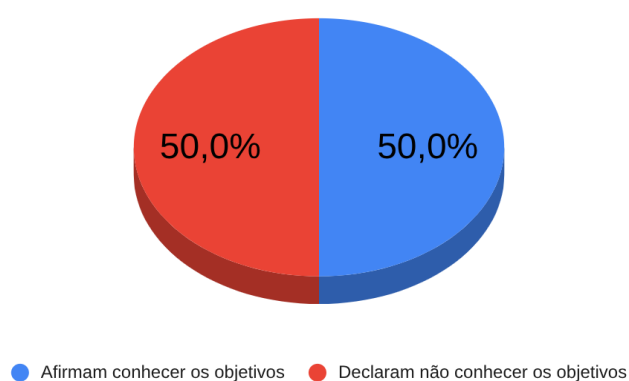


Gráfico 06
Sentimentos Despertados na Prática do Vôleibol



Na questão 10, ao serem questionados sobre o conhecimento dos objetivos principais do voleibol, verificou-se no gráfico 07 que 50% dos alunos afirmaram saber quais são esses objetivos, enquanto outros 50% declararam não ter esse conhecimento.

Gráfico 07
Conhecimento dos Objetivos do Voleibol





4.2 Adaptações e ensino no Voleibol

Entre as estratégias de adaptação do ensino do voleibol, destacam-se os minijogos, desenvolvidos a partir de uma perspectiva pedagógica inovadora, que busca superar os modelos tradicionais de ensino, conforme discutido por Impolceto (2016).

Durante a realização das práticas, observou-se um significativo envolvimento dos estudantes nas atividades propostas, evidenciado pela participação integral da turma na maior parte das aulas. Ressalta-se que, em apenas um dos encontros, uma aluna não participou das atividades em razão de cólicas abdominais.

Ao longo da sequência didática, além das adaptações metodológicas, foram trabalhadas as três dimensões da aprendizagem — conceitual, procedimental e atitudinal —, favorecendo uma apropriação mais ampla e consistente dos conteúdos pelos alunos. Conforme destacam Darido e Barroso (2010), a participação dos estudantes tende a ser significativamente maior quando as atividades são desenvolvidas considerando essas três dimensões. Dessa forma, foi promovido um aprendizado integral, envolvendo aquisição de conhecimento teórico, desenvolvimento de habilidades práticas e construção de atitudes e comportamentos relacionados ao voleibol.

Nas aulas 01 e 02, foram priorizadas as dimensões conceitual e atitudinal, por meio da análise do conhecimento prévio dos alunos, tanto teórico quanto prático, acerca da modalidade. Nesse período, foram apresentados o histórico do voleibol e suas regras básicas, promovendo a compreensão inicial da modalidade e estimulando a participação e o interesse dos estudantes. Já nas aulas 03 a 10, todas as três dimensões da aprendizagem — conceitual, procedimental e atitudinal — foram trabalhadas, visando ao desenvolvimento integral dos alunos e ao aproveitamento mais efetivo das atividades propostas.



Quadro 05 - Dimensões Aplicadas nas Aulas

Aula	Dimensões da Aprendizagem
01 – Questionário sobre o voleibol	Conceitual, <u>Atitudinal</u>
02 – <u>Histórico e regras</u> do voleibol	Conceitual, <u>Atitudinal</u>
03 – Jogo tradicional sem intervenção do professor	Conceitual, Procedimental, <u>Atitudinal</u>
04 – Posicionamento e rodízio (Jogo Câmbio)	Conceitual, Procedimental, <u>Atitudinal</u>
05 – Minijogos: toque	Conceitual, Procedimental, <u>Atitudinal</u>
06 – Minijogos: manchete	Conceitual, Procedimental, <u>Atitudinal</u>
07 – Minijogos: saque	Conceitual, Procedimental, <u>Atitudinal</u>
08 – Minivoleibol	Conceitual, Procedimental, <u>Atitudinal</u>
09 – Voleibol de lençol	Conceitual, Procedimental, <u>Atitudinal</u>
10 – Jogo oficial de voleibol	Conceitual, Procedimental, <u>Atitudinal</u>

Nesse contexto, foram implementadas adaptações tanto em relação aos materiais quanto à realidade da comunidade escolar. No início das práticas pedagógicas, a escola em que foi desenvolvida a pesquisa dispunha de apenas três bolas — duas de futsal e uma de basquete — como demonstrado na figura 3, o que limitava a execução integral das atividades planejadas. Nesse sentido, Vitorino (2023) ressalta a importância dos recursos materiais para o aproveitamento pedagógico, evidenciando que a ausência desses compromete o desenvolvimento efetivo das atividades.



Figura 3 - Materiais pertencentes a escola



Fonte: Galvão 2025

Diante da escassez de materiais, foi solicitado à Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer o empréstimo de bolas para os dias de aula. A instituição disponibilizou sete bolas de vôleibol e uma bola de pilates, que eram retiradas antes das atividades e devolvidas ao final do dia.

Para garantir que todos os alunos tenham oportunidade de participação plena, foi fundamental a disponibilidade de materiais suficientes para a execução das atividades. Aqui fica explícito as interferências do Macro e Exossistema dentro do microsistema (Bronfenbrenner, 1996); tanto quanto verificamos a falta de material (Vitorino, 2023), como as alternativas e auxílio que o professor necessita buscar para adequar sua aula.



4.3 Atividades e Acontecimentos nas sequências pedagógicas

A etapa inicial da pesquisa consistiu na aplicação de um questionário diagnóstico com os 31 alunos matriculados, visando identificar o conhecimento prévio e o nível de familiaridade com o voleibol antes da implementação da sequência didática. Ao longo do processo, houve uma redução na amostra para 28 participantes devido à evasão de três estudantes: dois por transferência escolar e um por mudança de turno para o período noturno, motivada pela necessidade de inserção no mercado de trabalho para auxílio na renda familiar.

Este último caso ilustra claramente uma interconexão no mesossistema, conforme a Teoria Bioecológica, em que eventos no ambiente familiar impactam diretamente o contexto escolar conforme previsto na teoria de Bronfenbrenner (1996). Embora o aluno tenha manifestado interesse em permanecer no projeto, a precariedade da infraestrutura física da escola — marcada pelo furto da fiação elétrica da quadra há três anos — impossibilitou a oferta das atividades no período noturno. Estudo de Vitorino (2023) e Massambani (2020) demonstraram que as características físicas da escola podem interferir na participação e motivação dos alunos e cabe ao professor buscar alternativas, porém, nem sempre possíveis no microtempo e mesotempo durante um semestre ou ano.

Na aula 01, após a coleta dos dados escritos, realizou-se uma roda de conversa com o grupo, permitindo o compartilhamento de experiências e percepções subjetivas sobre a modalidade. A análise das respostas permitiu identificar que os alunos apresentavam níveis distintos de familiaridade e experiência com o voleibol, reforçando a necessidade de utilizar atividades adaptadas e estratégias, como o jogo reduzido defendido por Mesquita (1998), que possibilita maior participação e desenvolvimento dos estudantes, permitindo que iniciantes e experientes joguem juntos com sucesso. Segue a transcrição dos relatos de alguns alunos sobre suas experiências com o voleibol:

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Tenho muita dificuldade em jogar vôlei. Acho a rede muito alta e não tenho força suficiente para fazer a bola ultrapassar a rede mas gosto de jogar (nº8).

Gosto muito de jogar vôlei, eu e meus vizinhos jogamos quase todos os dias na rua, já fui em vários jogos da superliga de voleibol feminino. (nº 21)

Joguei volei apenas na escola porém nunca aprendi as regras certas, jogavamos de qualquer jeito. (nº17)

No ano passado eu não joguei vôlei, pois tinha medo de levar bolada, pois os meninos ficavam batendo forte na bola. (nº27)

Gosto de jogar vôlei mas não consigo jogar na quadra normal, nem o saque nem os passes passam para a outra quadra se a quadra fosse menor até conseguiria passar a bola. (nº4).

Esta diversidade de vivências faz parte da realidade das aulas de Educação Física escolar, ou seja, o planejamento das aulas não pode ser realizado sem detectar as experiências anteriores. Mais que isso, é fundamental adequar a estimulação motora com atividades diversificadas que fosse possível incluir a todos os alunos, saindo de atividades simples para o complexo conforme previsto por Gallahue e Ozmun (2005). Assim, fica evidente que esta etapa inicial deve ser incorporada no momento inicial de qualquer planejamento de professores de Educação Física no contexto escolar, em especial, quando do ensino da modalidade de voleibol.

Na Aula 02, foi apresentado aos alunos o histórico do voleibol no mundo e no Brasil, destacando a evolução da modalidade, suas principais regras e curiosidades, bem como jogadores de destaque, passados e atuais. A aula foi desenvolvida por meio de vídeos educativos e pesquisas orientadas realizadas pelos alunos com o auxílio de tablets, seguindo um roteiro previamente elaborado. No decorrer da aula, foram apresentados vídeos que demonstravam os benefícios do voleibol para a saúde e o desenvolvimento de seus praticantes.

O objetivo dessa atividade foi ampliar o conhecimento dos estudantes sobre o voleibol, possibilitando a compreensão da lógica do jogo, da importância da modalidade no contexto esportivo e escolar, e preparando-os para a aplicação prática dos fundamentos nas aulas subsequentes. Conhecimentos estes colocados como fundamentais para embasar o ensino da modalidade no aspecto conceitual, além de estimular através de vídeos o interesse pela vivência prática conforme são



apresentados por Barroso e Darido (2010), Bojikian (2003), Coll et al. (2000), Pozo (2000).

No decorrer da aula, observou-se que a aluna nº18 apresentava sinais de cansaço, mantendo a cabeça baixa e demonstrando sono. Ao ser questionada, a estudante relatou que sua irmã de três anos havia passado mal durante a noite, e a mãe precisou levá-la ao médico; na residência vivem apenas a aluna, a irmã e a mãe.

Este acontecimento ressalta a importância de colocarmos atenção nas reações da Pessoa (aluno) durante o desenvolvimento de nossas aulas (Microsistema). Esse contexto familiar, que se insere no mesossistema do desenvolvimento (ambiente externo em que o aluno vive), interferiu diretamente na participação da aluna na atividade, evidenciando como fatores externos à escola podem impactar o desempenho estudantil, conforme discutem Bronfenbrenner e Morris (2006). Acontecimentos estes também foram identificados no estudo de Bento (2025) e Souza (2025).

Ao término da intervenção, realizou-se uma roda de conversa conforme demonstrado na Figura 4, momento em que os discentes compartilharam experiências e vivências acerca da prática do voleibol, fomentando reflexões sobre os impactos pessoais e coletivos da modalidade.

Figura 4 – Roda de Conversa Aula 02



Fonte: Galvão 2025



As transcrições a seguir evidenciam que a compreensão dos estudantes sobre o esporte restringia-se, predominantemente, à dimensão procedimental:

Nunca ouvi falar de onde surgiu o vôleibol e como foi criado, achava que tinha sido criado aqui no Brasil. (nº14)

Assisti um jogo do Praia Clube na superliga e até tirei fotos com as jogadoras após o jogo, mas não sabia onde o voleibol foi criado. (nº21)

Já fiz escolinha de voleibol, mas nunca tinha aprendido sobre a parte da criação do volei e de onde tinha vindo. (nº10)

Os componentes históricos são importantes até mesmo para entendermos como surgiu a modalidade e demonstrar aos alunos novas possibilidades de adaptação do jogo, por exemplo, como nos apresenta Bizzocchi (2000) o “mintonete” que tem por objetivo manter a bola no ar, o que valoriza a prática motora e, portanto pode ser uma estratégia para iniciar o ensino da modalidade. Além disso, é importante apresentar aos alunos que a modalidade tem um histórico que inclui a evolução das regras, táticas e conhecimento necessário sobre a modalidade que está nos cursos de formação dos professores conforme apresentado por Bojikian (2003).

A aula número 03 ocorreu no primeiro horário, com início às 7h. Para a preparação das atividades, foi necessário chegar 20 minutos antes para montar a rede e organizar a câmera destinada à filmagem da aula. Os alunos chegaram à sala por volta das 7h07min, ocasionando um pequeno atraso na descida para a quadra. Durante o período em sala, foram apresentadas as orientações sobre a dinâmica da aula, esclarecendo como as atividades seriam desenvolvidas na quadra esportiva.

Participaram da atividade 27 alunos, os quais realizaram um jogo de voleibol tradicional, conduzido de forma autônoma, sem interferência direta do professor, que apenas apitou o jogo e marcou a pontuação, com o objetivo de identificar através de uma avaliação diagnóstica, o nível de conhecimento prévio sobre as regras e os fundamentos da modalidade. A atividade ocorreu na quadra esportiva, com a rede posicionada a uma altura de 2 metros, e os alunos foram organizados em 4 equipes de seis participantes, restando 3 alunos. Inicialmente, duas equipes iniciaram a partida, enquanto as demais aguardavam, observando a dinâmica do jogo. Cada



equipe foi orientada a se organizar de forma independente, aplicando os conhecimentos que já possuíam sobre rodízio, fundamentos e táticas básicas, sendo possível realizar 3 jogos de 10 pontos em cada partida.

Ao término da atividade, foi realizada uma roda de conversa, na qual os alunos refletiram sobre as dificuldades encontradas, analisaram seu desempenho individual e coletivo e compartilharam percepções acerca da experiência de praticar o voleibol, como citado nas transcrições abaixo.

Minha equipe perdeu o jogo porque somente uma pessoa ficava sacando no outro time e ele tinha um saque bom e não estava fazendo rodízio. (nº16)

Fiquei apenas no fundo da quadra pois tenho medo de errar o passe de bola. (nº6)

Achei a quadra muito grande e os meninos não queriam mudar de posição, eles queriam ficar somente na rede para ficar cortando a bola. (nº19)

Grande parte dos estudantes comentaram que o tempo de jogo foi curto e que tiveram pouco contato com a bola. Por outro lado, 85% dos alunos relataram ter gostado da aula, destacando que nunca haviam jogado voleibol utilizando a quadra inteira na escola. Embora todos os alunos tenham participado da aula, dois deles relataram não ter tocado na bola em nenhum momento. Ao final da atividade, foi explicado que, nas próximas aulas, seriam realizados minijogos, com o objetivo de aumentar a frequência de contato de todos os alunos com a bola.

A aplicação dessa estratégia possibilitou uma avaliação abrangente, transcendendo o domínio técnico para incluir a participação, a cooperação e a compreensão das regras. Essa perspectiva converge com o pensamento de Coutinho e Silva (2009), que defendem uma avaliação contínua baseada na 'série de jogos'. Para os autores, identificar os níveis de sucesso e a interação coletiva é fundamental para que o professor possa ajustar a complexidade das tarefas nas aulas subsequentes, garantindo um planejamento adequado à realidade da turma.

Evidenciaram-se as diferenças individuais entre os alunos, bem como a percepção de que alguns dominavam determinados fundamentos. Também se



observou que os estudantes realizam uma avaliação subjetiva do próprio desempenho, o que, em alguns casos, resultava na recusa em desempenhar certas funções. Outro aspecto relevante refere-se às diferenças de gênero, evidenciadas nas respostas, nas quais os meninos tendiam a permanecer em posições específicas sem cumprir a regra do rodízio. Tais fatores já foram identificados em métodos tradicionais de ensino e reforçam a importância de repensar a prática pedagógica à luz de abordagens inovadoras, como as propostas por Darido e Impolcetto (2017), além de destacar a necessidade de adaptação das atividades, conforme sugerido por Grego e Bender (1998).

A aula foi iniciada com o professor explicando sobre as 6 posições e onde os alunos deveriam ficar na quadra e posteriormente foi explicado o sentido que ocorre o rodízio. A turma foi organizada em equipes compostas por seis alunos, e a posse inicial da bola foi definida por meio de sorteio (par ou ímpar). Durante a atividade, os estudantes realizaram um saque adaptado podendo lançar a bola, seguido de até três passes entre os integrantes da equipe. Diferentemente do voleibol tradicional, os alunos podiam segurar a bola antes de realizar o passe, com o objetivo de facilitar a dinâmica do jogo e a participação de todos como ilustrado na Figura 5.

Figura 5 – Jogo Cambio



Fonte: Galvão 2025



No entanto, foi mantida a regra de não se deslocar correndo com a bola nas mãos. Ao longo da prática, foi introduzido e aplicado o sistema de rodízio, que ocorria sempre que a equipe conquistava o direito ao saque após o erro ou término da jogada da equipe adversária que tinha feito o saque anteriormente. Cada partida foi disputada até 10 pontos.

Os alunos que aguardavam fora da quadra ajudaram na marcação dos pontos, na arbitragem de linhas e foram formadas 2 torcidas para ajudar na motivação das equipes que estavam jogando, garantindo assim a participação ativa de toda a turma. Durante a realização da atividade, observou-se que 3 alunos apresentaram dificuldades na compreensão do rodízio e no posicionamento correto em quadra. Ainda assim, a proposta contribuiu significativamente para o desenvolvimento da coordenação motora, da percepção espacial e do trabalho em equipe. O envolvimento de todos os alunos na mesma atividade ocupando funções diferentes é o que prega o modelo *Sport Education* e como nos apontam Costa et al. (2020) e Evangelio et al. (2018) que gera motivação e envolvimento dos estudantes, importante para o processo ensino aprendizagem.

Dos 25 discentes presentes na aula, 28% (7 alunos) não possuíam experiência prévia com o sistema de rodízio, embora tenham demonstrado compreensão satisfatória de sua lógica estrutural durante as atividades. Como estratégia de encerramento da aula prática, implementou-se uma atividade lúdica de prontidão e reconhecimento posicional: com a bola posicionada ao centro da quadra, o docente anunciava um número correspondente a uma das seis posições oficiais (1 a 6). O aluno que ocupasse a posição referida deveria deslocar-se rapidamente para recuperar a posse da bola, pontuando para sua equipe caso atingisse o objetivo primeiro. Atividades lúdicas e jogos segundo Tezani (2004) são fundamentais para os alunos se envolverem e aprenderem determinadas regras do esporte.

Ao término, promoveu-se uma roda de conversa, espaço destinado à socialização de percepções e dificuldades inerentes à dinâmica posicional, fomentando a reflexão crítica sobre a prática desenvolvida. Abaixo segue a transcrição de falas dos alunos:



Apesar de ser um jogo um pouco parado, consegui aprender as posições e para onde eu vou quando ocorre o rodízio. (nº6)

Não sabia as posições mas com a aula de hoje consegui entender as posições e o rodízio. (nº17)

O aluno nº 23 fez a seguinte sugestão: *“A quadra podia ser um pouco menor para facilitar no saque”*. Foi explicado que um dos objetivos da atividade também era possibilitar que os alunos se ambientarem com os limites da quadra oficial, como as linhas de fundo, as linhas laterais e a linha dos 3 metros. Vale ressaltar, porém, que esta percepção do aluno é uma informação importante no planejamento das aulas e reforça a ideia da adaptação da quadra de jogo e os minijogos para aumentar a participação dos alunos conforme proposto de Grego e Bender (1998) e Friederich et al. (2022).

Na aula nº 5, o objetivo foi desenvolver e aperfeiçoar o fundamento do toque de bola de forma lúdica e dinâmica. Estiveram presentes 28 alunos, e todos participaram das atividades propostas. Inicialmente, foi realizada uma demonstração da técnica, abordando aspectos como a postura corporal, a posição correta das mãos e a execução adequada do gesto técnico. A demonstração é um fator importante para os alunos terem a ideia do movimento e mesmo sendo um aspecto técnico numa visão mais tradicional dos métodos do ensino conforme proposto por Santini (2007), é importante para o início do processo ensino aprendizagem.

Posteriormente, os alunos foram divididos em seis grupos como demonstrado no Figura 6 para praticar o fundamento do toque. Em seguida, foi proposto um desafio em que a equipe que conseguisse realizar 10 toques consecutivos sem deixar a bola cair no chão marcaria ponto. Após esse primeiro desafio, a meta foi ampliada para 15 toques e, por fim, para 20 toques consecutivos.



Figura 6 – Fundamento Toque



Fonte: Galvão 2025

Na sequência, os alunos foram organizados em equipes de cinco participantes para a realização de um minijogo utilizando uma bola de vinil gigante, o que possibilitou maior participação dos alunos e permitiu que todos tivessem mais contato com a bola durante a prática, como mostra a figura 7.



Figura 7 - Toque com a Bola de Vinil



Fonte: Galvão 2025

As regras determinavam que cada equipe deveria realizar entre três e seis toques antes de enviar a bola ao campo adversário, marcando ponto quando a bola tocasse o chão do time adversário. Durante a atividade, observou-se que a maioria dos alunos conseguiu realizar ao menos um toque, mas alguns ainda apresentaram dificuldades de coordenação e tempo de bola. A adaptação do material é uma estratégia importante para que uma atividade tenha maior participação dos alunos (Vitorino, 2023).

No decorrer da aula, ocorreu uma queimada em um terreno ao lado da escola, e a fumaça acabou se espalhando pela quadra. Devido à intensidade da fumaça, foi necessário interromper a atividade por aproximadamente cinco minutos, pois alguns alunos relataram dificuldade para respirar enquanto estavam no local. Este acontecimento é mais uma forma de verificar que um agente do exossistema, que ninguém do microsistema teve participação, influenciou no decorrer das atividades planejadas num ambiente de aprendizagem (BRONFENBRENNER, 1996).

Ao final, na roda de conversa, os alunos refletiram sobre as dificuldades enfrentadas e os aprendizados relacionados ao toque, destacando o caráter lúdico e motivador da aula. Os alunos relataram que queriam continuar jogando e que o tempo foi pouco, todos os alunos participaram da atividade. Algumas citações feitas abaixo



pelos alunos demonstram o quanto a utilização dos minijogos pode motivar os alunos a participarem das atividades

Gostei do jogo com a bola grande, consegui entender que uso o toque apenas quando a bola está mais alta que minha cabeça. (nº19)

Com de passar a bola com até 6 toques por time consegui tocar mais na bola do que num jogo normal, e a bola grande também facilitou aprender o toque. (nº24)

Como a bola era maior e diferente eu quizeu participar pois achei mais fácil e divertido do que com a bola normal. (nº20)

A bola ficava mais tempo no jogo por ser maior e podíamos dar mais toques na bola antes de passar para o time adversário. (nº8)

A percepção dos alunos das mudanças ocorridas na atividade facilitou e motivou a continuar fazendo a atividade planejada, gerou o entendimento (conceitual) que o toque é sobre a cabeça e ampliou a vivência dos alunos. Reforça a visão que os minijogos é uma estratégia que deve ser levada em consideração no planejamento de ensino, conforme defendido por Grego e Bender (1998), Tezani (2004), Friederich et al. (2022).

Na aula nº 06, o foco foi o desenvolvimento do fundamento da manchete. Inicialmente, foi apresentada aos alunos a forma correta de execução desse fundamento, abordando o encaixe das mãos, a posição dos braços e a postura do tronco no momento da recepção da bola. Após a demonstração, os alunos foram organizados em cinco filas para praticarem o movimento, enquanto o professor realizava intervenções e correções individuais, orientando sobre possíveis erros na execução da técnica.

O professor organizou os alunos em duplas, em que um segurava um cone entre os antebraços e o outro ficava com uma bolinha de tênis. O aluno com a bolinha realizava o lançamento, enquanto o colega tinha que encaixá-la dentro do cone, mantendo os braços estendidos e simulando a execução de uma recepção de manchete como demonstrado na Figura 8. Cada aluno repetiu a atividade 10 vezes, promovendo a vivência motora de forma lúdica.



Figura 8 – Atividades Adaptadas para o Fundamento Manchete



Fonte: Galvão 2025

Posteriormente, a quadra foi dividida em miniquadras de 4,5 m por 6 m, com a rede ajustada a 2 metros de altura, e os alunos foram organizados em trios. Magalhães (2020) mencionam que o uso de bolas mais leves ou redes mais baixas permite que o aluno iniciante tenha sucesso em tocar a bola, reduzindo a frustração e mantendo-o motivado ao lado dos colegas mais avançados. Nessa atividade, os alunos receberam a bola utilizando apenas a manchete e realizaram os passes exclusivamente com esse fundamento. As partidas foram disputadas até 10 pontos e, ao final de cada jogo, trocavam as equipes. Todos os alunos participaram da atividade o tempo todo, pois dividimos a quadra, no sentido do comprimento, em três miniquadras como mostrado na Figura 9.



Figura 9 – Minijogos



Fonte: Galvão 2025

Concluída a intervenção, a sistematização dos relatos colhidos na roda de conversa indicou que, embora o tempo de prática tenha sido considerado insuficiente pelos alunos, houve uma compreensão efetiva da mecânica do fundamento manchete. Os sujeitos demonstraram domínio cognitivo sobre a angulação dos braços e o posicionamento podal e manual. A participação foi totalitária, marcada por um feedback positivo e pelo interesse na repetição de exercícios com características semelhantes.

A aluna nº 03 fez o seguinte relato durante a roda de conversa:

Inicialmente achei a atividade com os cones difíceis, pois a bolinha não encaixava no cone, mas após a instrução do professor em inclinar o tronco, consegui executar atividade da forma correta e facilitou eu passar a bola de manchete na hora do jogo.

Este relato demonstra que a participação ativa do professor durante a execução dos alunos é fundamental para criar situações de observação, atividade conjunta o que deve gerar uma relação afetiva positiva. Princípios básicos dentro da TBDH para que o processo ocorra e a atividade seja considerada molar, significativa e com persistência temporal para o aluno que aprende (Bronfenbrenner, 1996). No estudo de Bento (2025) e Souza (2025) encontraram na dinâmica do ensino do karatê e Futebol, situações semelhantes a este relato.

Na aula nº 07, o objetivo foi desenvolver o fundamento do saque no vôleibol, um dos elementos técnicos essenciais para o início da jogada na modalidade.



Inicialmente, foi realizada uma demonstração da execução do saque por baixo e do saque por cima como demonstrado na Figura 10, destacando o posicionamento adequado dos braços, das pernas e do tronco durante o movimento.

Figura 10 – Demonstração do Saque



Fonte: Galvão 2025

Em seguida, os alunos praticaram ambos os tipos de saque em uma quadra reduzida como demonstrado na Figura 11. Após todos os alunos conseguirem executar os saques por baixo e por cima, a turma foi dividida em grupos de seis participantes, utilizando uma quadra reduzida de 6 metros. Durante a atividade, foram utilizadas oito bolas simultaneamente, sendo quatro para cada equipe. Os alunos realizaram saques, tanto por baixo quanto por cima, buscando fazer com que a bola ultrapassasse a rede e caísse na quadra adversária.



Figura 11 – Saque por Baixo e Saque por Cima



Fonte: Galvão 2025

A dinâmica da atividade teve duração de um minuto, sendo considerada vencedora a equipe que, ao final do tempo, permanecesse com o menor número de bolas em sua quadra. Enquanto uma equipe participava da atividade, os alunos que estavam fora da quadra observaram atentamente a execução dos saques realizados pelos colegas. Durante a prática, observou-se que alguns alunos apresentaram dificuldades em controlar a direção e a força do saque, enquanto outros demonstraram maior domínio técnico do movimento e outros burlavam a regra como podemos perceber na Figura 13 onde a aluna pisa na linha na hora da execução do saque. Porém, estas dificuldades tornaram-se informações para o professor orientar os alunos da forma correta. Todos participaram ativamente da proposta e realizaram observações sobre a execução dos colegas.

Ao final da aula, foi realizada uma roda de conversa, momento em que foram discutidas as principais dificuldades encontradas e possíveis estratégias para aprimorar o fundamento do saque, reforçando a importância da repetição. A aluna nº 13 relatou que a atividade contribuiu para que ela compreendesse melhor a execução do saque. Segundo seu relato, ela nunca havia conseguido realizar o saque por cima



e destacou que a redução da distância da linha de fundo facilitou a execução do movimento, tornando a atividade mais acessível. De modo geral, todos os alunos afirmaram ter gostado das atividades propostas, porém comentaram que o tempo da aula foi considerado curto. A adaptação do conteúdo a partir das condições estruturais ou do nível do desempenho dos alunos é uma estratégia fundamental para que os objetivos sejam atingidos, gerar motivação dos alunos e aumentar progressivamente no nível de dificuldades. Organização esta apresentada por Gallahue e Ozmun (2005) para acompanhar o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Na aula nº 08, a atividade desenvolvida foi o minivôlei, no qual as equipes executaram os fundamentos trabalhados nas aulas anteriores, como saque, manchete e toque. O minivôlei é uma adaptação do vôleibol tradicional realizada em quadras reduzidas, com menor número de jogadores, favorecendo maior participação e contato com a bola durante o jogo. Esta estratégia utilizada por Dias (2020) ofereceu resultados importantes para aprendizagem e aumento de participação dos alunos nas aulas durante o ensino do Handebol.

Inicialmente, a proposta era dividir a quadra em quatro miniquadras. No entanto, devido à presença de outra professora utilizando parte do espaço da quadra, foi necessário reduzir a atividade para duas miniquadras. Mais uma vez, vemos o planejamento sendo influenciado por uma dinâmica de utilização de espaços onde 2 turmas utilizam o mesmo espaço influenciou a organização e aplicação do jogo. Este é um caso de interferência no microssistema com o qual os profissionais do contexto escolar convivem diariamente, devido às dificuldades estruturais do ambiente escolar, conforme apresenta Vitorino (2023) em seu estudo.

Os alunos foram organizados em grupos de quatro participantes, utilizando um espaço aproximado de 8 metros de largura por 6 metros de comprimento em cada miniquadra. Durante a atividade, os estudantes foram orientados a utilizar todos os fundamentos trabalhados nas aulas anteriores, como saque, manchete e toque, além de aplicar o sistema de rodízio, possibilitando que todos vivenciassem diferentes posições no jogo. A atividade iniciou com 8 alunos em cada miniquadra, sendo 4 de uma equipe e 4 da outra. Os alunos que estavam aguardando sua vez auxiliaram o



professor na organização da atividade, ajudando na marcação dos pontos e observando as linhas da quadra para verificar se a bola havia caído dentro ou fora.

Durante o desenvolvimento da prática, observou-se que os alunos conseguiram realizar o rodízio de forma adequada, demonstrando compreensão da dinâmica do jogo e das posições em quadra. Também foi possível perceber maior contato com a bola, aplicação dos fundamentos trabalhados e integração entre os participantes. Alguns alunos ainda apresentaram dificuldades em manter a sequência de passes provavelmente pelo tempo de prática, porém, a atividade proporcionou maior participação e engajamento da turma. Assim, concordamos com Magalhães (2020) que aponta que o minivôlei é uma estratégia importante para o ensino do vôlei, em especial, no contexto escolar.

Ao final da aula, foi realizada uma roda de conversa, na qual os alunos refletiram sobre a execução dos fundamentos, as dificuldades encontradas durante a atividade e a importância do trabalho em equipe para o desenvolvimento do jogo.

O aluno nº 07 relatou ter apreciado a atividade proposta, ressaltando que conseguiu realizar um número maior de contatos com a bola durante o jogo, situação que não ocorreu quando a turma participou da atividade da aula nº 03, com seis jogadores em quadra e utilizando as dimensões oficiais. A aluna nº 20 afirmou ter encontrado maior facilidade para passar a bola por cima da rede, visto que esta estava posicionada a aproximadamente dois metros de altura, portanto abaixo da altura oficial. O aluno nº 25 destacou, durante a roda de conversa, que considerou interessante participar da atividade na função de árbitro, pois teve a oportunidade de conhecer e compreender diversas regras da modalidade que até então desconhecia. Por sua vez, o aluno nº 23 relatou que, após o início das aulas sobre o conteúdo, passou a demonstrar interesse pelo voleibol, chegando inclusive a assistir a uma partida da Superliga.

Observou-se que todos os alunos participaram das atividades propostas e, novamente, destacaram que o tempo destinado à sua realização foi insuficiente. Além disso, manifestaram interesse em repetir a atividade em quadras reduzidas e com a altura da rede adaptada. A questão temporal é mais uma vez apresentada visto que esta modalidade necessita de maior tempo de prática para ser assimilada. Desta



forma a distribuição temporal dos conteúdos dentro da BNCC (Brasil, 2018) deve ser debatida e se possível revista, tendo o docente autonomia para a distribuição do conteúdo e da quantidade de aulas necessárias para o entendimento e aprendizagem para os alunos.

Na aula nº 09, o objetivo foi desenvolver a cooperação e a percepção espacial por meio da atividade “voleibol de lençol”. A turma foi organizada em grupos de seis alunos, em que cada equipe segurava um lençol para lançar e receber a bola como demonstrado na figura 12. A atividade foi realizada na quadra oficial, porém com a rede posicionada em uma altura mais baixa. A posse inicial da bola foi definida por sorteio, e as equipes deveriam mantê-la sobre o lençol, evitando que caísse no chão ou saísse dos limites da quadra.

Figura 12 –Minijogos com Lençol



Fonte: Galvão 2025

Os alunos que aguardavam sua vez para jogar permaneceram observando a atividade e pensando em estratégias que pudessem contribuir para um melhor desempenho de suas equipes durante o jogo. Observou-se que a proposta estimulou o trabalho em equipe, a comunicação e a coordenação motora, uma vez que todos os integrantes precisavam agir de forma conjunta para manter a bola no ar. Todos os alunos participaram da atividade, sendo que algumas equipes demonstraram maior precisão nas ações. Durante o desenvolvimento da atividade, dois alunos começaram a vaiar os colegas. Diante disso, o professor interrompeu momentaneamente a



atividade para conversar com a turma sobre a importância de apoiar os colegas e sobre como atitudes como vaias e torcer contra os companheiros podem ser negativas no contexto das atividades.

Na roda de conversa ao final da aula, os alunos relataram suas experiências ao lidar com o desafio coletivo e destacaram a importância da cooperação para a realização da atividade, figura 13.

Figura 13 – Roda de Conversa aula 09



Fonte: Galvão 2025

O aluno nº 03 relatou que gostou muito da atividade, porém a considerou difícil, pois dependia da colaboração de todos os alunos que estavam segurando o lençol para que a bola fosse lançada ao time adversário. Ao final da atividade, as alunas nº 6 e nº 22 me procuraram para relatar que sentiram dificuldades, pois em sua equipe havia dois colegas com Transtorno do Espectro Autista. Diante disso, foi explicado que o objetivo da atividade era justamente promover a participação de todos, incentivando a ajuda mútua e o respeito às dificuldades de cada colega, além de demonstrar a importância do trabalho em equipe.

Na última aula da sequência pedagógica, correspondente à aula nº 10, foi realizada uma partida com a aplicação das regras oficiais do voleibol, sendo a turma organizada em equipes de seis alunos. O jogo teve início com essas duas equipes, enquanto os demais estudantes, que aguardavam sua participação, atuaram na arbitragem, desempenhando funções como árbitro de rede, juiz de linha e



responsáveis pelo preenchimento da súmula; outros assumiram o papel de observadores, registrando anotações sobre o desenvolvimento da partida.

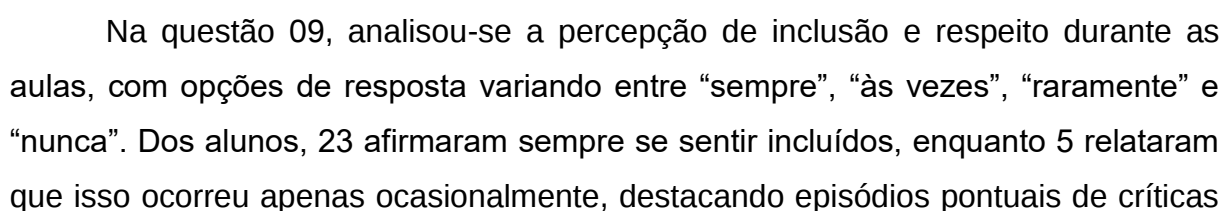
A partida foi disputada até 15 pontos e, ao final, realizou-se o rodízio de funções, possibilitando que todos os alunos vivenciassem diferentes papéis no contexto da atividade. De modo geral, os estudantes demonstraram maior domínio dos fundamentos técnicos, melhor compreensão das regras e elevado nível de engajamento durante a realização da atividade.

A utilização do jogo final como forma de avaliação do processo é uma importante estratégia para avaliar se ocorreu mudança de comportamento e entendimento do jogo. Tal situação foi utilizada no estudo de Dias (2020) e Souza (2025) que verificaram neste momento a avaliação do desempenho de compreensão de melhora técnica e da lógica do jogo.

A aluna nº 18 relatou que as aulas anteriores foram fundamentais para sua aprendizagem, evidenciando a compreensão da dinâmica do jogo e das regras, além de destacar que as atividades práticas contribuíram para o desenvolvimento dos fundamentos da modalidade. O aluno nº 05 relatou que demonstrava grande expectativa para participar de uma partida em quadra oficial, com a aplicação das regras formais, uma vez que já possuía experiência prévia na modalidade por meio de sua participação em escolinha de voleibol. Ainda assim, destacou que apreciou as atividades desenvolvidas ao longo da sequência pedagógica.

Ao término da aula, aplicou-se um questionário avaliativo (Apêndice 2), que permitiu analisar o aprendizado, a motivação e a participação dos alunos ao longo da sequência didática. Os resultados evidenciaram a eficácia das estratégias pedagógicas adotadas, especialmente o uso de minijogos e atividades adaptadas.

Na questão 01, investigou-se a capacidade dos alunos de identificar o objetivo e a lógica do jogo após a sequência didática. Verificou-se que 100% dos participantes responderam afirmativamente, demonstrando compreensão desses aspectos. Na questão 02, buscou-se identificar se os alunos reconheciam os fundamentos da modalidade após as aulas. Observou-se que 25 alunos responderam positivamente, inclusive mencionando alguns fundamentos; 2 não responderam à questão e 1 afirmou não se lembrar.





durante a execução das atividades. Por fim, na questão 10, avaliou-se a percepção dos alunos quanto ao próprio aprendizado por meio dos minijogos. Dos participantes, 8 classificaram como “muito bom”, 15 como “bom”, 4 como “regular” e 1 indicou necessidade de melhora. Ainda assim, essa mesma aluna relatou ter se sentido mais confiante ao realizar as atividades finais, evidenciando progresso em seu processo de aprendizagem.

A partir destas respostas fica evidente, mesmo com tempo limitado para o ensino neste estudo, que mudanças foram notadas pelos participantes e que a utilização dos minijogos foi bem-sucedida no processo ensino aprendizagem. Além disso, pelos relatos, os alunos aumentaram a sua participação nas atividades conforme encontrado no estudo de Barroso e Darido (2010).

4.4 Benefícios dos minijogos na melhora na participação e no desempenho dos alunos

Por meio dos questionários e das rodas de conversa, foi possível constatar que, nos anos anteriores, houve carência de estímulos relacionados ao voleibol, o que impactou negativamente o desenvolvimento de alguns alunos, tanto no aspecto motor quanto no domínio técnico da modalidade, durante a aplicação da proposta atual.

A implementação dos minijogos ao longo da sequência didática trouxe impactos positivos significativos na participação e no desempenho dos alunos durante as aulas de voleibol. Ao reduzir o número de jogadores em quadra, adaptar o espaço de jogo e ajustar a altura da rede, essas atividades proporcionaram maior contato com a bola, favorecendo o desenvolvimento dos fundamentos técnicos, como saque, passe, toque e manchete. Assim, como concluiu Dias (2020) em seu estudo, a estratégia dos minijogos é uma ferramenta pedagógica essencial para a compreensão da lógica interna do jogo, permitindo que o aluno deixe de ser um mero reprodutor de movimentos para se tornar um construtor ativo do seu processo de aprendizagem.

Além disso, os minijogos contribuíram de maneira expressiva para o engajamento dos estudantes, tornando a prática da atividade física mais divertida e menos competitiva, o que motivou especialmente aqueles que normalmente



participavam pouco. Adaptados em formatos menores, possibilitaram que todos os alunos, independentemente do nível de habilidade, se sentissem incluídos e capazes de participar. Magalhães (2020) reforça que a utilização de materiais adaptados e jogos reduzidos aumenta o sucesso nas ações (como manter a bola no ar), o que eleva a motivação e reduz a frustração dos iniciantes. A organização em equipes ou duplas também favoreceu a socialização, promovendo a interação entre colegas e fortalecendo a cooperação e o senso de grupo.

Relatos individuais reforçam essa análise:

Consegui tocar na bola mais vezes do que quando jogamos na quadra do tamanho normal (nº7)

Após as atividades consegui realizar o passe de bola e passar a bola para o time adversário com mais facilidade. (nº20)

Os minijogos contribuíram significativamente para a participação e o engajamento dos alunos, tornando a atividade física mais divertida e menos competitiva, o que motivou especialmente aqueles que normalmente participavam pouco. Além disso, ao serem adaptados em formatos menores, permitiram que todos os estudantes, independentemente do nível de habilidade, se sentissem incluídos e capazes de participar, característica também identificada no estudo de Bento (2025), no qual os jogos foram utilizados para incluir os alunos nas aulas de lutas. A organização em equipes ou duplas ainda favoreceu a socialização, promovendo a interação entre colegas de diferentes turmas e fortalecendo a cooperação e o senso de grupo.

A alternância entre as funções de jogador, árbitro e observador potencializou o protagonismo discente, conferindo aos estudantes um papel central e ativo na dinâmica escolar. Essa abordagem corrobora a perspectiva de Dias (2020), ao demonstrar que a estratégia de minijogos transcende a execução mecânica de movimentos, transformando o aluno em um agente capaz de ressignificar o voleibol enquanto manifestação cultural consciente. O elevado engajamento observado, tanto

A implementação dos minijogos criou um ambiente lúdico e inclusivo que estimulou a motivação intrínseca dos alunos, fortalecendo a autoconfiança e a autoestima. A experiência de sucesso e a superação de desafios durante as atividades favoreceram o engajamento contínuo e intensificaram o prazer pela prática da atividade física. Além disso, os minijogos contribuíram para o desenvolvimento de



habilidades socioemocionais, como cooperação, respeito, comunicação e protagonismo estudantil, promovendo uma aprendizagem mais completa e integrada.

Um dos exemplos que evidenciam a melhoria na participação refere-se ao aluno número 05, que, a partir da terceira aula, passou a chegar com 10 minutos de antecedência para auxiliar na montagem da rede e na organização dos materiais, sendo que a aula se iniciava às 7 horas, ou seja, no primeiro horário como demonstrado na figura 14. Destaca-se que, anteriormente, esse aluno não apresentava um comportamento participativo nas aulas.

Figura 14 – Participação do aluno na Montagem da rede



Fonte: Galvão 2025

O fenômeno ilustrado na Figura 16, que revela a migração do vôlei para o recreio, evidencia que os processos proximais estabelecidos no microssistema da aula foram efetivamente incorporados pelos estudantes. Conforme aponta Bento (2025), o domínio da lógica do jogo confere ao aluno a independência necessária para converter o conhecimento escolar em lazer autônomo. Esse movimento caracteriza uma conexão importante no mesossistema escolar, onde a cultura corporal de movimento deixa de ser uma imposição do currículo e passa a habitar o tempo pessoal e social do aluno como um valor atribuído por ele mesmo.



Essa expansão do projeto fomentou a integração entre diferentes grupos e o fortalecimento de vínculos sociais, comprovando que, quando o esporte é ensinado sob uma perspectiva inclusiva e dialética — o 'esporte da escola' proposto por Vago (1996) —, ele se torna uma ferramenta de protagonismo e convivência ética, consolidando hábitos saudáveis e o respeito mútuo de forma orgânica no cotidiano escolar.

Figura 15 – Jogando Vôlei no Recreio



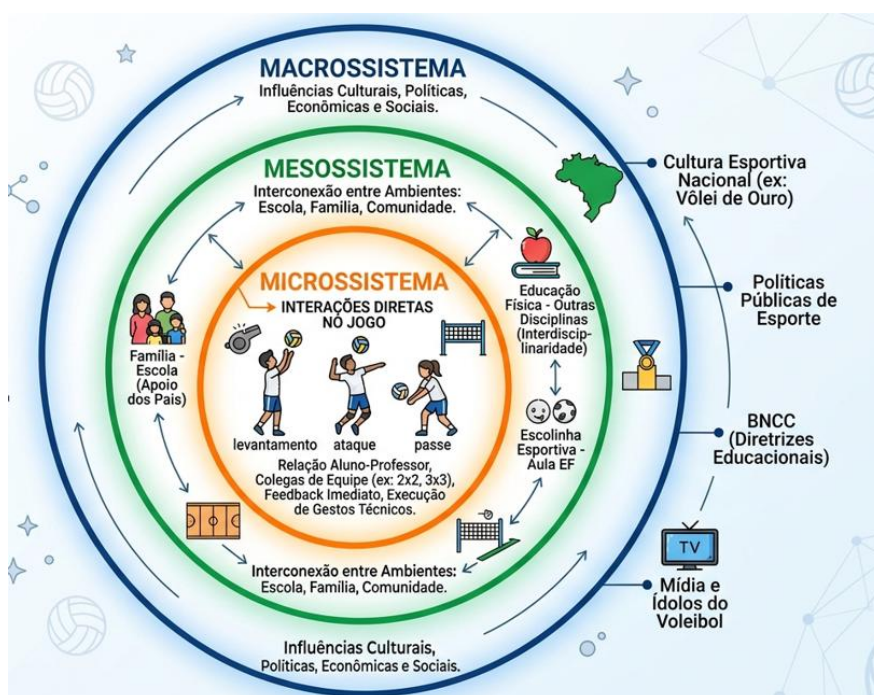
Fonte: Galvão 2025

Na Figura 16, é exposta uma sistematização das interferências ocorridas durante a sequência didática, sob a perspectiva do modelo bioecológico de Bronfenbrenner, evidenciando a interdependência entre os diferentes sistemas que moldam o desenvolvimento do estudante. No centro, o Microssistema revela os processos proximais estabelecidos na quadra (ambiente de interação direta), onde a utilização de minijogos e rodas de conversa permitiu ressignificar a prática corporal, mesmo diante da limitação espacial do uso compartilhado. O Mesossistema é representado pela conexão entre a aula e o recreio escolar, onde o conhecimento sistematizado transbordou para uma prática autônoma. Em um nível mais amplo, o Exossistema engloba decisões que afetam o aluno indiretamente, como o planejamento de horários da escola e a influência histórica da ACM, enquanto o Macrossistema envolve os valores culturais da sociedade brasileira e as diretrizes da BNCC. Por fim, o Cronossistema atravessa todos esses níveis, situando a



aprendizagem desde a gênese histórica da modalidade até o tempo pessoal de evolução de cada discente durante o projeto.

Figura 16 – Interferência ocorrida na sequencia didática





5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu constatar que a implementação dos minijogos de voleibol, ao longo da sequência didática, revelou impactos positivos expressivos na participação, no engajamento e no desempenho técnico-tático dos alunos. Tradicionalmente, o voleibol é percebido no ambiente escolar como uma modalidade de difícil execução, devido à sua complexidade técnica e à natureza de "não retenção" da bola, o que frequentemente resulta na exclusão de discentes com menor desenvolvimento motor. No entanto, a estratégia dos minijogos rompeu com essa barreira ao propor a adaptação do espaço físico, a redução do número de jogadores por equipe e a flexibilização das regras oficiais.

Essas modificações não foram meramente recreativas. Elas ampliaram significativamente o tempo de contato individual com a bola, elemento crucial para a consolidação de fundamentos como saque, passe, toque e manchete. Ao reduzir a quadra de jogo, o aluno é forçado a participar ativamente da dinâmica do jogo. Os resultados obtidos, via questionários e observações em diário de bordo, confirmam que os objetivos propostos foram alcançados de forma satisfatória: a totalidade dos estudantes demonstrou compreender a lógica interna do jogo, enquanto a grande maioria dominou o sistema de rodízio e as regras básicas, evidenciando avanços consistentes no processo de aprendizagem que superaram as expectativas iniciais para um ciclo de dez aulas.

Para além do ganho procedimental (o "saber fazer"), a pesquisa demonstrou que a metodologia de minijogos atua de forma integrada nas dimensões conceitual e atitudinal. Observou-se um elevado nível de motivação e interesse, com uma aceitação quase unânime da estratégia didática. O caráter lúdico das atividades tornou o aprendizado menos punitivo e mais acessível a diferentes níveis de habilidade, o que se refletiu na percepção de inclusão relatada pelos discentes. A maior parte dos alunos afirmou sentir-se respeitada e integrada, o que é um indicador fundamental de que o ambiente escolar cumpriu seu papel de acolhimento.

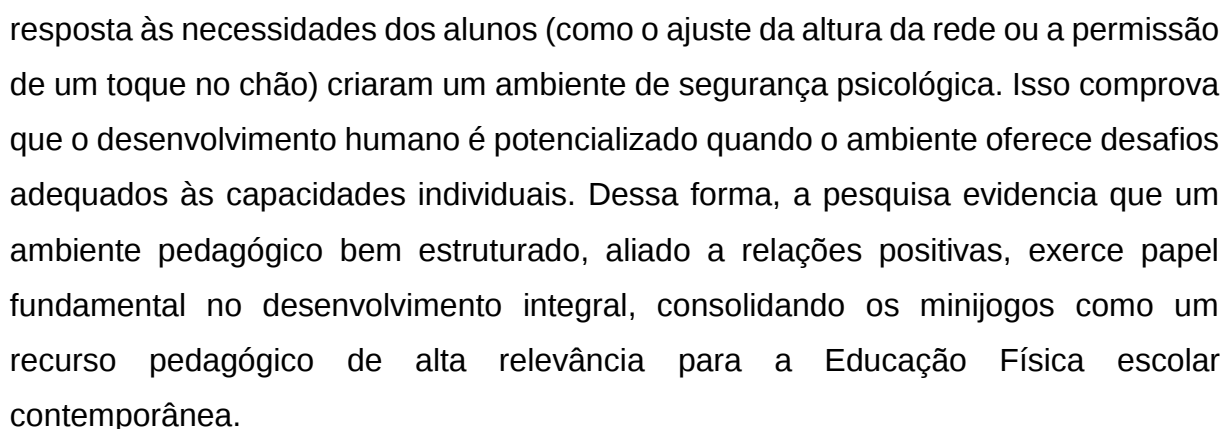


Um ponto de destaque refere-se à valorização da prática esportiva para além do currículo. O fato de os alunos manifestarem o desejo de continuar praticando o voleibol fora do ambiente escolar e, inclusive, levarem as dinâmicas aprendidas para os momentos de recreio, sinaliza que a aprendizagem foi significativa. Sob a perspectiva socioemocional, os minijogos estimularam a autoconfiança e o protagonismo. A organização das atividades em pequenos grupos favoreceu a socialização e a comunicação interpessoal, fortalecendo o senso de pertencimento ao grupo. Embora tenham surgido inseguranças pontuais e episódios de críticas entre pares — comuns à natureza competitiva do esporte —, tais ocorrências foram mediadas pedagogicamente e serviram como momentos de reflexão sobre o respeito mútuo e a ética esportiva.

Dessa forma, os achados deste estudo também apontam para a necessidade de problematizar a organização temporal dos conteúdos estabelecida pela BNCC (Brasil, 2018), uma vez que, embora o documento apresente diretrizes fundamentais, sua aplicação no contexto real das escolas nem sempre contempla o tempo necessário para a aprendizagem significativa dos estudantes. Nesse sentido, torna-se essencial valorizar a autonomia docente na definição da distribuição dos conteúdos e da quantidade de aulas destinadas a cada temática, permitindo adequações conforme as especificidades da turma, do contexto escolar e das condições de ensino. Tal perspectiva contribui para a construção de práticas pedagógicas mais flexíveis, inclusivas e alinhadas ao desenvolvimento integral dos alunos, especialmente no ensino do voleibol por meio de estratégias como os minijogos.

À luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano a eficácia desta pesquisa-ação reside na qualidade das interações estabelecidas no microssistema escolar. Este nível corresponde ao contexto imediato onde o aluno vivencia seus papéis e relações interpessoais. A organização das aulas de Educação Física, pautada em práticas inclusivas e participativas, modificou a dinâmica desse microssistema, transformando a quadra em um espaço de desenvolvimento proximal.

O microssistema constituído durante a sequência didática mostrou-se determinante tanto para o desenvolvimento técnico quanto para o humano. O fornecimento de feedbacks imediatos e a adaptação constante das atividades em



Paralelamente, a melhora na coordenação motora, na precisão dos movimentos e no tempo de bola foi notória. Estratégias como a repetição orientada em espaços reduzidos potencializaram esse desenvolvimento, enquanto o esforço do pesquisador em garantir materiais esportivos adequados (superando as limitações físicas da escola através de empréstimos e parcerias) mostrou que a vontade política e pedagógica do docente pode minimizar barreiras estruturais. A evolução no controle corporal dos alunos não foi apenas técnica, mas também uma evolução de autopercepção de competência: alunos que se julgavam "incapazes" passaram a se ver como "jogadores".

Em conclusão, a análise das intervenções reitera que o ensino do voleibol escolar transcende o desenvolvimento de habilidades motoras. A metodologia de minijogos mostrou-se uma estratégia eficaz na construção de um ambiente lúdico, inclusivo e estimulante, no qual os alunos puderam experimentar, refletir sobre suas dificuldades e aprimorar continuamente suas capacidades. O progresso na autoconfiança de alunos que inicialmente apresentavam resistências ratifica que o ambiente de aprendizagem estruturado nesta pesquisa promoveu um desenvolvimento integral e transformador.

O modelo proposto cumpre sua função social de incluir, motivar e ensinar, oferecendo subsídios para uma prática da Educação Física menos tecnicista, menos excludente e profundamente mais humana. Recomenda-se que a estratégia de minijogos seja explorada não apenas no voleibol, mas em outras modalidades coletivas, e que o olhar atento ao microssistema escolar continue sendo o norteador

das práticas docentes, visando sempre o protagonismo do estudante e a democratização do acesso ao conhecimento da cultura corporal de movimento.



6 Recurso Educacional

O Recurso Educacional resultante desta pesquisa constitui-se como uma unidade didática composta por dez intervenções pedagógicas, planejadas e analisadas sob a ótica da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. O foco central é o ensino do voleibol para turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, utilizando a estratégia dos minijogos como ferramenta mediadora para potencializar a motivação e a participação estudantil. Ao estruturar as aulas em espaços reduzidos e com regras flexíveis, o produto busca transitar de conhecimentos motores menos complexos para os mais complexos, permitindo que a realidade e os conhecimentos prévios dos alunos sejam o ponto de partida para uma aprendizagem tecnicamente acessível e pedagogicamente inclusiva. As imagens foram geradas por Inteligência artificial. A proposta do guia de intervenção visa contemplar o ensino do voleibol em suas três dimensões: procedimental, através da vivência prática e simplificada dos fundamentos; conceitual, por meio do entendimento da lógica tática e histórica da modalidade; e atitudinal, ao promover a cooperação e o respeito mútuo em ambiente misto. Ao enfatizar o caráter lúdico e a ressignificação das regras, este produto pedagógico pretende romper com modelos tradicionais e tecnicistas, oferecendo uma alternativa didática que pode ser adaptada a diferentes microssistemas escolares. Espera-se, assim, contribuir para que o ensino dos esportes na Educação Física Escolar ocorra de maneira mais prazerosa, construtiva e democrática.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, M.G. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: Moreira AFB, organizador. Currículo: políticas e práticas. Campinas: Papirus; 2001. p.131-64.
- BARROSO, A.L.R. & DARIDO, S.C. Voleibol escolar: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.2, p.179-94, abr./jun. 2010.
- BAYER, M. (1994). Jogos desportivos colectivos: A abordagem metodológica da aprendizagem e do ensino. Editora Vozes.
- BENTO, W. A. LUTAS COMO CONTEÚDO NA EDUCAÇÃO: da visão do docente a uma proposta de intervenção com o Karatê na perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano / Wagner Aparecido Bento. -- Bauru, 2025
- BETTI, M. Esporte na escola: entre o jogo e a competição. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 17-23, 1994.
- BIANCHI, P., & Hatje, M. (2008). Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. *Motrivência*, n. 27, p. 165-178, 2006.
- BIZZOCCHI, C. O Voleibol de Alto Nível, da iniciação à competição. São Paulo: Fazendo Arte, 2000.
- BHERING, E; SARKIS, A. Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. *Revista Horizontes*, v. 27, n. 2, p. 7-20. 2009.
- BOJIKIAN, J. C. M.; BOJIKIAN, L. P. Ensinando voleibol. 5. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRACHT, V. Educação física e aprendizagem social. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRACHT, V.C. *Educação física, esporte e pedagogia*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017
- BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. (1979). Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996



BRONFENBRENNER, U., & MORRIS, P. A. (2007). The bioecological model of human development. *Handbook of child psychology*, 1.

COELHO, V. A. C., & TOLOCK, R. E. (2014). Interações sociais e características pessoais em jogos de arremessos na educação física infantil. *Pensar a Prática*, 17(3).

COLL, C.; POZO, J.I.; SARABIA, B.; VALLS, E. Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia de ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1993.

COSTA, L. C. A., RESENDE, R., de SOUZA, V. D. F. M., FLORES, P. P., ANVERSA, A. L. B., CONTESSOTO, L. C., & do NASCIMENTO, J. V. (2020). O Sport Education Model como possibilidade formativa: uma experiência na formação inicial em Educação Física. *Research, Society and Development*, 9(8), e174985556-e174985556.

COUTINHO, N. F., & DOS SANTOS SILVA, S. A. P. (2008). Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional em educação física. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 15(1), 117-144.

CUEVAS, R., GARCIA-LOPEZ, L. M., & SERRA OLIVARES, J. (2016). Sport education model and self-determination theory: An intervention in secondary school children. *Kinesiology*, 48(1.), 30-38.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2003

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C., Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. SOARES

DEL-MASSO, M. C. S., COTTA, M. A. D. C., & Santos, M. A. P. (2014). Ética em Pesquisa Científica: conceitos e finalidades. São Paulo: Núcleo de Educação a Distância da Unesp.

DIAS, E. R. O ensino e a aprendizagem do handebol na educação física escolar: o entendimento da lógica do jogo a partir da implementação de minijogos. 2020.

IMPOLCETO, F. M., & Darido, S. C. (2017). Organização curricular na Educação Física escolar: uma proposta de construção coletiva para o conteúdo voleibol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 31(3), 601-617.



ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. *Educar*, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000. Editora da UFPR. Disponível
<https://www.scielo.br/j/er/a/dDzfLYyDpPZ3kM9xNSqG3cw/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 10/06/2025

EVANGELIO, C., SIERRA-DIAZ, J., GONZÁLEZ-VÍLLORA, S., & FERNANDEZ-RIO, J. (2018). The sporteducationmodel in elementaryandsecondaryeducation: A systematicreview. *Movimento*, 24, 931-946.

FINCK, S. C. M. Educação física escolar: uma leitura na concepção emergente do desenvolvimento humano. *Olhar de Professor*, v. 1, n. 1, 1998.

FRANCO, M. L. P. B. *Psicologia da Educação*, São Paulo, PUC, n.14/15, p.189-205, 2002

FREIRE, J. B.. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, L. de A. *Esporte e mídia: a veiculação do vôlei na televisão*. 2012.

FRIEDERICH, B., CASTRO, H. de O., LEONARDI, T.J., ROTHER, R.L., COSTA, G.D.C.T., y LAPORTA, L. (2022). Uso de juegosreducidos como estrategia de enseñanzadel voleibol enlaescuela. Una revisión narrativa. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 27(291), 169-181..

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J.C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 3.ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GINCIENE, G; IMPOLCETTO, F M; Primeiras aproximações para uma proposta de ensino dos jogos de rede/parede: reflexões sobre o tênis de campo e o voleibol *Revista brasileira Ciência e Movimento* 2019

GONZÁLEZ, F. J; BRACHT, V. *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES, Núcleo de Educação aberta e à distância, v. 126, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.Sistemas de classificação de esportes. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). *Dicionário crítico de Educação Física*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

GONZÁLEZ, F. J. *Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica*. ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DELMASSO, Maria Candida Soares. *Desafios da educação física escolar: temáticas de formação em serviço no ProEF*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.



GRAÇA, A; MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 7, n.3, p. 401-421, 2007. Disponível em: http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.7_nr.3/4-01.pdf. Acesso em: 23 ago. 2025.

GRECO, P. J; BENDA, R. N. *Iniciação esportiva universal: sistematização da proposta e dos conteúdos à luz da pedagogia do esporte*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

IMPOLCETTO, F. M. S. et al. *Esportes: ensino e aprendizagem*. São Paulo: Phorte, 2019.

IMPOLCETO, F. M., & DARIDO, S. C. (2016). O "Estado da Arte" do voleibol e do voleibol na escola. *Revista brasileira de ciência e movimento*, 24(4), 175-186.

IMPOLCETO F.M.S, DARIDO SC. Organização curricular na Educação Física escolar: uma proposta de construção coletiva para o conteúdo voleibol. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.31, n.2, p.601-17, jul./set. 2017.

JUNIOR, J. Futsal e a pedagogia da iniciação: Uma proposta de conteúdos baseada em vivência de situações-problema. 2015.

KISHIMOTO, T.M. *Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação*. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

KREBS, R. J; ZUCHETTO, A. Os contextos da educação inclusiva numa perspectiva da teoria ecológica de Bronfenbrenner. In: FREITAS, Soraia Napoleão (Org.). *Tendências Contemporâneas de Inclusão*. 1. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

KUNZ, H. *Educação física: movimento, cultura e crítica*. São Paulo: Cortez, 1991.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

MAGALHÃES, U. M; DE OLIVEIRA, U. *O ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: possibilidades de intervenção*, 2020.

MASSAMBANI, P. (2020). Educação física escolar: interesse dos estudantes com a mudança de ambiente em uma disciplina eletiva.

MESQUITA, I. e Graça, A. (2002). A perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino dos jogos desportivos. *Cultura e contemporaneidade na educação física e desporto. E agora?* Coleção Prata da Casa (Edição especial), 133-139.

MOURA, G. A.. SOUSA, E, C. As práticas lúdicas nas aulas de iniciação ao voleibol. *Revista UNI-RN*, Natal, 2007



NASCIMENTO, C. P. A expressão cultura corporal na obra Metodologia do Ensino de Educação Física. Pensar a Prática, Goiânia, v. 25, p. 1-21, 2022.

OLIVEIRA, P. de S. Metodologia das ciências humanas. São Paulo: Hucitec/ UNESP, 1998.

POZO, J. I. A aprendizagem e o ensino de fatos e conceitos. In: COLL, César. Os Conteúdos na reforma – ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.

SANTINI, Joarez. *Voleibol escolar: da iniciação ao treinamento*. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

SANTINI, J.; VOSER, R. C. Ensino dos esportes coletivos: uma abordagem recreativa. Canoas: Editora Ulbra, 2008.

SILVA, J. A. A prática de voleibol na escola: investigação sobre a relação ensino aprendizagem das habilidades básicas do voleibol. 54 f. 2014. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade de Brasília, Polo Duas Estradas-PB, Duas Estradas-PB, 2014.

SILVEIRA L. D. Educação Física e atividade lúdica: o papel da ludicidade no desenvolvimento psicomotor. 2005.

SOUZA, T. M. F, et al. "A importância do voleibol enquanto lúdico e modalidade desportiva dentro da educação física escolar." (2010).

SOUZA, M. F. Futebol escolar: herói ou vilão? perspectiva dos estudantes em relação ao ensino do futebol à luz da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. 2025.

SPESSATO, B. C., VALENTINI, N. C., KREBS, R. J., & BERLEZE, A. (2009). Educação infantil e intervenção motora: um olhar a partir da teoria bioecológica de Bronfenbrenner. *Movimento*. Vol. 15, n. 4, (out./dez. 2009), p. 147-173.

STASIAK, G. R. Transição ao primeiro ano do ensino fundamental: percepção do estresse pelas crianças, suas características psicológicas e variáveis do seu contexto familiar. 2010. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TENROLLER, C. A; MERINO, E. Métodos E Planos Para O Ensino Dos Esportes. [S. l.]: Editora da ULBRA, 2006.

TEZANI, T.C.R. O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos. Psicopedagogia Online: Educação & Saúde Mental, 2024.

TOLVES, B. C. F; DELEVATI, M. K; SAWITZKI, R. L. Métodos parcial, global e de jogos condicionados no ensino do futsal. Revista Mackenzie. São Paulo, v. 13, n. 2, 2014.



THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa ação. 6ª ed. São Paulo: Cortez,1994.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. Movimento, Porto Alegre, a. III, n. 5, p. 4-17, 2. sem. 1996

VITORINO, M. Minha escola não tem quadra: problemáticas e possibilidades, diante à falta de espaço físico adequado. 2023.



ANEXO 1

Carta de anuência

CARTA DE ANUÊNCIA

Esclarecimentos

Esta é uma solicitação para realização da pesquisa intitulada ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes. a ser realizada na Escola Municipal Professor Mario Godoy Castanho, pelo pesquisador Fernando de Oliveira Galvão, que utilizará a seguinte metodologia: A metodologia adotada será baseada em uma abordagem participativa e reflexiva, composta pelas seguintes etapas: **questionário inicial** para diagnóstico dos conhecimentos prévios, **rodas de conversa** para troca de experiências e construção coletiva do saber, aplicação de uma **sequência metodológica de aulas práticas**, seguida de um **questionário final** para avaliar os aprendizados, e o uso de **diários de bordo** como instrumento contínuo de registro e reflexão dos alunos ao longo do processo e objetivos principais de investigar como a prática dos minijogos do voleibol podem ajudar na motivação e participação dos alunos dos anos finais do fundamental 2, necessitando portanto da concordância e autorização institucional para a realização das etapas : Questionário inicial, 10 aulas de sequência metodológica referente a modalidade voleibol e questionário final .

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo, de acordo com as Resoluções nº 466/2012 ou 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, que tratam da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados tão somente para realização deste estudo.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Fernando de Oliveira Galvão CPF 057.476.526-30
Nome e CPF do(a) pesquisador(a) responsável
(Mesmo nome inserido na Plataforma Brasil)



Consentimento

Por ter sido informado verbalmente e por escrito sobre os objetivos e metodologia desta pesquisa, concordo em autorizar a realização da mesma nesta Instituição que represento a Escola Municipal Professor Mario Godoy Castanho, localizada na Rua Joaquim Roberto Souza, 508 - Tocantins, Uberlândia - MG, 38415-309 , telefone (34) 3217-2044.

Esta Instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para realização das etapas supracitadas.

Esta autorização está condicionada à aprovação prévia da pesquisa acima citada por um Comitê de Ética em Pesquisa e ao cumprimento das determinações éticas das Resoluções nº 466/2012 ou 510/2016 - Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e suas complementares.

O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Uberlândia, 30/09/2025.

Assinatura do responsável pela instituição

Elisson Andrade Batista

Nome completo do responsável pela Instituição

Carimbo responsável da Instituição*

CNPJ da instituição

**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



ANEXO 2 – Cópia do Parecer na plataforma Brasil

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes

Pesquisador: FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 94962725.4.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 8.172.411

Apresentação do Projeto:

DESENHO:

Trata-se de uma pesquisa de mestrado profissional intitulada *“ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes”*

INTRODUÇÃO:

Conforme apresentado pelo autor do Projeto de Pesquisa: *“Num primeiro momento, será aplicado um questionário com o objetivo de compreender as perspectivas e experiências dos participantes, os quais responderão de forma livre, sem restrições a respostas específicas, expressando suas opiniões, ideias e vivências de maneira ampla, conforme apresentado por Bogdan e Biklen (1994). Num segundo momento, será utilizada a metodologia da pesquisa-ação, conforme apresentada por Thiollent (1986), por meio da aplicação de uma proposta de intervenção pedagógica com os alunos, finalizando com um segundo questionário para verificar o aprendizado e a participação dos estudantes. A pesquisa será realizada na Escola Municipal Professor Mário Godoy Castanho, situada na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. O público participante da pesquisa será composto por alunos matriculados no 8º ano do Ensino Fundamental, que optarem por participar da pesquisa e cujos responsáveis legais assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização para Uso de Imagem e Voz. Em relação ao número de participantes, estima-se que a pesquisa será*

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-8070 Fax: (14)3103-9400 E-mail: cepsquisa.fc@unesp.br

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 8.172.411

desenvolvida com aproximadamente 31 adolescentes. Os dados da pesquisa serão gerados por meio da aplicação dos questionários (inicial e final), das intervenções pedagógicas com os alunos, das rodas de conversa e do diário de campo, sendo possível, assim, analisar os relatos dos alunos sobre as práticas realizadas. Será realizada uma análise reflexiva e interpretativa das narrativas coletadas nos questionários, nas rodas de conversa e nas anotações do diário de campo, tomando como base o referencial de Bogdan e Biklen (1994), conforme apresentado por Farias, Impolcetto e Benites (2020), como possibilidade de análise de dados qualitativos em estudos sobre a Educação Física escolar. Para tanto, serão seguidas as respectivas fases de análise: leitura e organização dos documentos, codificação e categorização dos dados obtidos para posterior interpretação.

HIPÓTESE:

Conforme apresentado pelo autor do Projeto de Pesquisa: ζ Espera-se identificar um cenário em que os alunos estejam desmotivados em relação à prática do voleibol, em virtude de aulas centradas predominantemente em aspectos procedimentais, o que pode resultar na exclusão dos estudantes com menor habilidade motora. Com a proposta de utilização dos minijogos, pretende-se integrar elementos lúdicos e situações reais de jogo, favorecendo uma aprendizagem mais significativa da modalidade. Acredita-se que essa abordagem contribua para o maior engajamento dos alunos, promovendo a participação de todos, bem como a construção do conhecimento técnico e tático de forma mais acessível e inclusiva... ζ .

Objetivo da Pesquisa:

Conforme apresentado pelo autor do Projeto de Pesquisa, seus objetivos são:

Objetivo Primário:

O presente estudo tem como objetivo investigar como a prática dos minijogos do voleibol podem ajudar na motivação e participação dos alunos dos anos finais do fundamental 2.

Objetivo Secundário:

Avaliar a mudança de desenvolvimento da aprendizagem dos alunos através dos minijogos referentes ao voleibol; Identificar os benefícios físicos, mentais e sociais promovidos pela prática do voleibol; Verificar se a proposta tornou os alunos mais participativos nas aulas de Educação Física.

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-6070 Fax: (14)3103-9400 E-mail: cepsquisa.fc@unesp.br

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 8.172.411

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sobre os riscos, o autor do Projeto de Pesquisa, descreve: que a presente pesquisa envolve riscos mínimos, conforme definido pela Resolução CNS nº 510/2016, uma vez que se trata de uma investigação com estudantes em ambiente escolar, utilizando estratégias pedagógicas já comuns ao contexto educacional. Os possíveis riscos identificados incluem a exposição da imagem e da voz dos participantes, devido à gravação de vídeos e áudios durante as aulas e atividades práticas. Para mitigar esse risco, serão adotadas medidas de segurança, como a utilização de imagens apenas mediante autorização prévia, por meio da assinatura do Termo de Autorização para Uso de Imagem e Voz pelos responsáveis legais dos alunos, sendo o uso desse material restrito ao contexto acadêmico da pesquisa e tratado com confidencialidade. Há também possibilidade de desconforto ou constrangimento durante as rodas de conversa, caso algum aluno se sinta inseguro ao relatar suas experiências ou opiniões; por isso, será garantido o direito de não responder a perguntas que causem desconforto, bem como a possibilidade de desistência da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao participante. Quanto à prática do voleibol, atividade já integrante do componente curricular da Educação Física, existe a possibilidade de acidentes leves, os quais serão prevenidos por meio de cuidados adotados pelo professor-pesquisador, que respeitará as condições físicas e motoras dos alunos, garantindo a segurança do ambiente escolar, o qual dispõe de suporte para primeiros socorros caso necessário. Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo, armazenados em local seguro e de acesso restrito ao pesquisador responsável, sendo os participantes identificados por pseudônimos ou códigos alfanuméricos, de forma a garantir o anonimato nas análises e nas futuras publicações dos resultados.

Sobre os benefícios, o autor do Projeto de Pesquisa, descreve que:

A presente pesquisa poderá trazer benefícios diretos e indiretos aos alunos participantes, principalmente no que se refere à melhoria da qualidade das aulas de Educação Física, por meio de práticas mais inclusivas, lúdicas e significativas, como os minijogos. Espera-se que os estudantes desenvolvam maior interesse e engajamento nas aulas, além de aprimorem suas habilidades motoras, cognitivas e sociais. A proposta pedagógica poderá favorecer a inclusão dos alunos com diferentes níveis de habilidade, promovendo um ambiente de cooperação, respeito e participação ativa. Indiretamente, a pesquisa poderá contribuir para a formação crítica e reflexiva do professor-pesquisador e para a qualificação do ensino de Educação Física na escola, ao disponibilizar um produto educacional que poderá ser utilizado por outros

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-6070 Fax: (14)3103-9400 E-mail: oepesquisa.fc@unesp.br

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 8.172.411

docentes da área. Além disso, os resultados obtidos poderão fundamentar futuras intervenções pedagógicas e práticas metodológicas voltadas ao ensino do voleibol em contextos escolares.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa adequado às exigências acadêmicas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta documentação que comprova a anuência da Instituição de Ensino.

Os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido apresentam as informações necessárias sobre a pesquisa.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado aprovado por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa. Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o cronograma informado à Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2667022.pdf	16/01/2026 23:56:58		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Tale_Participante.pdf	16/01/2026 23:54:49	FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_atual.pdf	16/01/2026 23:48:16	FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	folha_de_rosto_Atual.pdf	27/10/2025 20:32:27	FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO	Aceito

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - anexa à
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-8070 Fax: (14)3103-9400 E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNESP - FACULDADE DE
 CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
 JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 8.172.411

Folha de Rosto	folha_de_rostoassinada.pdf	17/10/2025 16:15:34	FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	06/10/2025 20:57:51	FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO	Aceito
Outros	Questionario_pdf.pdf	06/10/2025 20:40:02	FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO	Aceito
Outros	carta_de_anuencia.pdf	06/10/2025 20:26:56	FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	06/10/2025 20:25:09	FERNANDO DE OLIVEIRA GALVAO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 13 de Fevereiro de 2026

Assinado por:
 Marianne Ramos Feijo
 (Coordenador(a))



APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO INICIAL

Este questionário tem o objetivo de identificar os conhecimentos teóricos e práticos relativos a modalidade voleibol.

1- Você já teve contato com o voleibol antes? () Sim () Não () Apenas assisti jogos pela televisão

2- Você conhece alguma regra básica do voleibol? Se sim, escreva uma:

3- Na escola você teve contato com o voleibol?

() Sim () Não

Se sim nas aulas trabalhadas sobre o voleibol conheceu sobre o histórico e a evolução do voleibol?

4- Você conhece os fundamentos do voleibol? Quais você conhece?

5- Você acha que o voleibol é um esporte difícil de apreender? Por quê?

6- Já praticou o voleibol fora do ambiente escolar? Onde você praticou o voleibol?

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



- 7- Você acha que nas aulas de Educação Física tem tempo suficiente para aprender a modalidade?

- 8- Sabe o nome de algum jogador ou jogadora profissional de voleibol?

- 9- Quais sentimentos o voleibol te desperta?

☐ Curiosidade ☐ Medo de errar ☐ Vontade de aprender ☐ Nenhum

- 10- Você sabe qual é o objetivo principal do jogo de voleibol?



APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO FINAL

- 1- Após as aulas referentes ao voleibol você consegue identificar o objetivo do jogo? Quais são?

- 2- Quais os fundamentos o voleibol possui?

- 3- Cite 3 regras do voleibol?

- 4- Você consegue identificar as posições do voleibol?

() Sim () Não

- 5- O voleibol pode ser praticado na escola de forma mista, ou seja, praticar a modalidade meninos e meninas? Descreva sua opinião.

- 6- Você se sentiu motivado a aprender o voleibol através dos minijogos?

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



- 7- Você achou as aulas dinâmicas e interessantes?^[1]_{SEF} ☐ Sim ☐ Mais ou menos ☐ Não
- 8- Se tivesse a oportunidade de jogar o voleibol em um ambiente externo você jogaria?
☐ Sim ☐ Não
- 9- Durante os jogos e atividades, você se sentiu incluído(a) e respeitado(a)?^[1]_{SEF} ☐
Sempre ☐ Às vezes ☐ Raramente ☐ Nunca
- 10- Como você descreveria seu aprendizado sobre o voleibol após estas aulas?^[1]_{SEF} ☐
Muito bom ☐ Bom ☐ Regular ☐ Precisa melhorar

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



APÊNDICE 3



Faculdade de Ciências - Câmpus de Bauru

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Pesquisa: ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes.

Pesquisador responsável: Fernando de Oliveira Galvão

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Bauru/SP.

E-mail: Fernando.o.galvao@unesp.br

Instituição da Pesquisa: Escola Municipal Professor Mário Godoy Castanho
Cidade: Uberlândia – MG

Apresentação:

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem como objetivo entender como os minijogos de voleibol podem ajudar os alunos a se sentirem mais motivados e participarem mais das aulas de Educação Física.

Se você aceitar participar, vai fazer parte de 10 aulas com jogos adaptados de voleibol. Também serão feitas conversas em grupo ao final das aulas, e você responderá dois questionários: um antes e outro depois das atividades.

Importante saber:

- Sua participação é voluntária, ou seja, você pode participar se quiser e pode desistir a qualquer momento, sem precisar se justificar.
 - Nenhum risco físico ou emocional está envolvido nas atividades da pesquisa.
 - As informações que você compartilhar serão mantidas em sigilo. Seu nome não será divulgado em nenhum momento.
 - Os dados coletados serão usados apenas para fins educacionais e científicos.
-

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
 "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Ciências - Câmpus de Bauru

Declaração do(a) participante:

Eu, _____, declaro que:

- Fui informado(a) sobre os objetivos e atividades da pesquisa;
- Entendi que posso participar de forma voluntária e que posso sair da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo algum;
- Aceito participar da pesquisa, ciente de que minha identidade será preservada e que minha opinião é importante para o estudo.

 Uberlândia, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do(a) participante (aluno/a):

Assinatura do pesquisador responsável:

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



APÊNDICE 4



Faculdade de Ciências - Câmpus de Bauru

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisa: ENSINO DO VOLEIBOL ESCOLAR: Utilização dos minijogos no processo ensino aprendizagem dos estudantes.

Pesquisador responsável: Fernando de Oliveira Galvão

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, câmpus de Bauru/SP.

E-mail: Fernando.o.galvao@unesp.br

Instituição da Pesquisa: Escola Municipal Professor Mário Godoy Castanho
Cidade: Uberlândia – MG

1. Apresentação do Projeto

Este projeto tem como objetivo investigar como a prática dos minijogos de voleibol pode contribuir para a motivação e participação dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II nas aulas de Educação Física. A pesquisa será realizada com alunos com idade entre 13 e 14 anos, durante 10 aulas, com atividades planejadas com base na estratégia dos minijogos.

A pesquisa será registrada por meio de questionários, rodas de conversa e observações realizadas pelo professor em um diário de bordo das aulas práticas. A análise dos dados será feita com base na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

2. Garantias e Cuidados

- A participação na pesquisa não trará riscos físicos ou psicológicos aos alunos.
- As identidades serão preservadas por pseudônimos. Os dados serão usados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, com confidencialidade garantida.
- A participação é voluntária e o aluno pode desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências - Câmpus de Baunú

3. Consentimento

Eu, _____, responsável legal
pelo(a) aluno(a) _____,
declaro que:

- Fui informado(a) sobre os objetivos, procedimentos e finalidade desta pesquisa;
- Estou ciente de que a participação é voluntária e que posso retirar o consentimento a qualquer momento;
- Autorizo a participação do(a) meu(minha) filho(a) na pesquisa descrita acima.

Uberlândia, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do responsável: _____

Assinatura do pesquisador: _____